

II SÉRIE Nº11 FEVEREIRO 1978 Pr.15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

Neste número:
• Um artigo de Jacob Estrin
sobre a defesa Grunfeld

TORNEIO DAS AMENDOEIRAS



TELEXADREZ

**PORTUGAL
HOLANDA**

SUMÁRIO

- 178 Editorial Internacional
- 179 «Rápidas» em Vilamoura
- 180 «Europeu» de Juniores — Razões de uma classificação
- 182 Defesa Grunfeld — Variante Taimanov
- 184 Bloqueio: a ruptura
- 185 Campeonato da URSS
- 186 Telexadrez — O match Portugal-Holanda
- 191 Secção de Consulta
- 192 Xadrez por correspondência — Portugal bem pontuado
- 194 Para resolver
- 195 Problemas — O jogo anti-dual
- 196 O xadrez e a filatelia

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — Sede da redacção e administração: Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Alvaro Pereira, Armando Aragão, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Alvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirinó, Vítor Cardoso — **Colaboram neste número:** António Pereira dos Santos, António Vilaça, Carvalho e Rego, Fernando Silva, Gonçalo Leal, João Sequeira, Joaquim Durão, Jacob Estrin, Jorge Morgado, Rui Pereira — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos, Vladimiro Miranda — **Correspondentes:** Faria de Bastos, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Leal, José de Almeida

Administrador-delegado: Sá Chaves.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freire, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** 150\$00.

EDITORIAL

Vamos falar claro: a Revista Portuguesa de Xadrez debate-se com dificuldades. Dificuldades que, não sendo insuperáveis, são inequivocamente graves. Estas dificuldades que se têm repercutido ao nível dos prazos de saída de cada número, são de três tipos: de coordenação primeiro, financeiras depois, de apoio redactorial por fim. Tentemos analisá-las:

a) A Revista Portuguesa de Xadrez, é sabido, é mantida por um punhado de gente que trabalha no mais exemplar amadorismo. E se ainda se torna possível pedir aos redactores e colaboradores eventuais que empreguem parte do seu tempo disponível a produzir originais para a R. P. X., se ainda se torna possível solicitar a colaboradores que disponham de duas ou mais tardes por semana para tratar dos assuntos referentes aos assinantes, há certas tarefas que, por exigirem disponibilidades de tempo mais amplas, colocam os voluntários que coordenam a revista em situações de carência de tempo perfeitamente insuperáveis. Assim se explica que em quatro meses a R. P. X. tenha tido, de facto, quatro chefes de redacção diferentes.

b) A venda da revista é diminuta. Embora sem dados exactos pensa-se que a venda avulso andarà por volta de um milhar de exemplares. Os assinantes, por outro lado, ultrapassam em pouco as seis centenas. O défice é portanto grande, agravado ainda com a saída de uma capa a cores. Duas soluções se nos apresentam: o aumento de preço ou o crescimento do número de assinantes. É nesta última hi-

pótese que apostamos, mais, que cada leitor tem que apostar. Os núcleos de xadrez que recebem ou assinam a revista devem, além de promover a difusão da RPX pelos praticantes, angariar junto deles assinaturas da revista. Da resolução desta problema depende, em última análise, a sobrevivência da R. P. X.

c) Um ponto aparentemente de fácil solução mas que tem levantado problemas é o atraso com que redactores e colaboradores entregam os originais. Colocando ainda maiores dificuldades ao coordenador, já que os sucessivos contactos a que o obrigam faz perder bastante tempo, tal atraso é por vezes justificado. O que não é de modo nenhum justificável é o desleixo evidenciado por alguns «craques» da nossa praça, que por vezes assume proporções de autêntico e consciente boicote...

Vamos então assentar em três pontos:

1 — O número de exemplares vendidos tem que aumentar, assim como o número de assinantes tem de crescer. Está nas mãos de cada leitor fazê-lo...

2 — Vamos tentar resolver o problema da coordenação de vez. Isso é viável, mas não é possível definir prazos...

3 — Há que exigir um esforço de todos os redactores para que não atrasem a entrega de originais.

Temos enfim que convencer-nos todos (os que fazem e os que lêem) de que a RPX nos exige sacrifícios e boa vontade. E depois, optar.

GONÇALO LEAL

INTERNACIONAL

Dzindzigashvili vence em Hastings

Dzindzhashvili, de Israel, venceu o tradicional torneio inglês de Hastings, à frente do ex-campeão mundial Petrosian, do húngaro Sax e do ex-candidato Hort. Boa actuação do britânico Mestel, a fazer esquecer a ausência dos seus compatriotas Miles e Keene, e algo decepcionante a do soviético Sveshnikov.

1.º Dzindzigashvili (IL) — 10 1/2; 2.º /3.º Petrosian (URSS) e Sax (Hung) — 9 1/2; 4.º Hort (Che.) — 9; 5.º Mestel (Ing) — 8 1/2; 6.º Tarjan (EUA) — 8; 7.º Sveshnikov (URSS) — 7 1/2; 8.º Speelman (Ing) — 7; 9.º/10.º Nunn (Ing) e Shamkovitch (EUA) — 6 1/2; 11.º/12.º Fedorowicz (EUA) e Webb (Ing) — 5 1/2; 13.º Tisdall (EUA) — 4 1/2; 14.º/15.º Botterill (Gales) e Kagan (IL) — 3 1/2.

Filipinas campeã da Ásia

Enquanto a forte equipa filipina dominava com relativa facilidade, a China Popular firmava-se como a segunda melhor equipa asiática, deixando atrás de si a Indonésia, a Austrália e a Nova-Zelândia.

Engénio Torre fez a melhor percentagem no 1.º tabuleiro, com 5 vitórias e 2 empates, mas a melhor actuação terá pertencido ao chinês Chi-Ching-hsuan, que jogou todos os encontros, alcançando 6 vitórias e 3 empates. Seria interessante vê-lo jogar torneios mais fortes.

1.º Filipinas, 30 1/2; 2.º R. P. China, 26 1/2; 3.º Indonésia, 23 1/2; 4.º Austrália, 22 1/2; 5.º Nova-Zelândia, 22; 6.º Singapura, 18 1/2; 7.º Índia, 15 1/2; 8.º Tailândia, 11 1/2; 9.º Malásia, 8; 10.º Nova-Guiné, 1 1/2.

« Rápidas » em Vilamoura

● Vitória de José Pereira dos Santos

Decorreu em Vilamoura (Algarve), nas instalações do Hotel D. Pedro, um torneio de partidas rápidas, o qual contou com a presença de 24 jogadores espanhóis e 36 portugueses, tendo quase todos os participantes a estadia paga.

Convém recordar que, no ano passado, teve lugar, também em Vilamoura, um outro torneio de «rápidas», embora no Golf Hotel. No entanto, o pessoal ligado à organização teve muito de comum em ambos os casos, assim como os convidados para este último foram, entre outros, os melhores classificados do ano anterior. As condições de participação eram também as mesmas: as deslocações foram por conta de cada participante (isto os portugueses, pois os espanhóis tinham também as viagens pagas, por motivos de publicidade turística, disseram-me mais tarde) e a estadia e alimentação dos jogadores convidados foram oferecidas pelo Hotel D. Pedro, mas apenas para os atletas convidados. Claro que eu, como qualquer outro participante, me sentia bastante arredado dos numerosos problemas da exclusiva competência da organização da prova e portanto tratei de me ambientar, pois, além do mais, o tempo estava bom, contrariamente ao que tinha sido previsto pelo Boletim Meteorológico. De tal modo o consegui que, um quarto de hora após a chegada, já lamentava a falta do meu fato de banho...

Por volta das 19 horas de sábado, foi servido um «cocktail» aos jogadores e seus (suas) acompanhantes. Ai começaram as desventuras de um pobre jogador! Ele, que vinha com a ideia de aplicar a fundo as suas capacidades, e portanto só deveria tocar em água, é vencido pela gula e resolve provar. Pega hesitante na taça, e descobre que «aquilo» não era mau de todo. Satisfeito, prova outras bebidas diferentes... Copos mais tarde, o jogador diz categórico: «Quero mais! (hicl)» (ver «Astérix, o Gaulês»).

Seguiu-se o jantar, estilo Self-Service: cada um vai tirando para o seu prato algumas das numerosas iguarias apresentadas. O jogador, desabituaado e confuso, tira de tudo. Assim, deita no mesmo prato atum, batatas fritas, cebola, um bocado de frango, etc., etc... E de tal forma etc., que o prato ficou com um aspecto nitidamente piramidal. Comer aquilo tudo é que foi outra história... Com problemas de consciência, o jogador em causa desta vez bebeu apenas um refrigerante.

Por volta das 22 horas, começou a primeira fase do Torneio. Os participantes foram divididos por 6 séries, sendo os 3

primeiros de cada uma apurados para disputar o 1.º ao 18.º lugares, os 3 seguintes do 19.º ao 36.º, etc.

O jogador de que esou a falar «dá» damas (hicl), «come» reis, etc. (o habitual nestes casos...). Entretanto, a luta pelo apuramento torna-se acesa, tendo a organização demonstrado bastante firmeza na resolução de pequenas questões sem importância — os contendores, neste caso, ouviram-se até ao 8.º andar do Hotel (o que também é costume).

Na manhã seguinte, após o pequeno-almoço, disputou-se a final, tendo ganho bem José Pereira dos Santos (ver classificação final).

De registar que, paralelamente, se realizou um torneio feminino, que foi ganho pela esposa do 4.º classificado da geral, Palacios, espanhola de nascimento. Em segundo lugar ficou, no entanto, uma portuguesa.

Uma animadíssima sessão de entrega de prémios encerrou a realização.

RESULTADOS FINAIS

SÉRIE A

- 1.º José P. Santos 13,5 pontos (em 17)
- 2.º Luís Santos, 12 pontos
- 3.º António Fernandes, 12 pontos
- 4.º Ernesto Palacios, 11,5 pontos
- 5.º João Sequeira, 11 pontos
- 6.º R. Portillo, 10,5 pontos
- 7.º Rib. Fernandes, 10,5 pontos

SÉRIE B

- 1.º Ant. P. Santos
- 2.º Fernando Sequeira
- 3.º Horácio Neto

SÉRIE C

- 1.º Joaquim Aníbal
- 2.º Álvaro Fernandes

JORGE MORGADO

50.º ANIVERSÁRIO
DA FEDERAÇÃO
PORTUGUESA DE
XADREZ

medalha comemorativa



ANVERSO



REVERSO

Tiragem 500 ex. NUMERADOS
(BRONZE)

Módulo 70 mm

PREÇO 250\$00

(Porte não incluído)

Os pedidos poderão fazer-se para a Federação Portuguesa de Xadrez, Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1, devendo ser acompanhados da importância respectiva em cheque, vale do correio ou dinheiro, acrescida de 20\$00 para porte do correio.

Razões de uma classificação

A propósito da sua participação no Campeonato da Europa de Juniores, J. P. Santos tece algumas considerações sobre o panorama do nosso xadrez e sobre o decurso da prova

Portugal tem o orgulho de ter os seus próprios métodos. Vejamos as Olimpíadas. Temos participado regularmente nesta competição internacional com resultados, em geral, muito pouco satisfatórios. Mas, procurando não ferir a nossa vaidade, não nos vergamos perante o facto consumado, procurando rectificar um possível e natural erro. Pelo contrário, tudo fazemos para justificar ao Mundo e a nós próprios um resultado que não nos agrada. Alimentamos continuamente a ideia da vitória moral, da injustiça, da falta de sorte, etc. E tentando salvar a honra, o prestígio, ficamos pela mediocridade.

Procurando suprir as deficiências evidentes no nosso xadrez, as sucessivas direcções federativas foram escolhendo a equipa nacional de uma forma curiosa: usando o dedo! Sistemáticamente, apresentávamos nessas competições a mesma meia-dúzia de jogadores, com insignificantes alterações, dos quais alguns, já gastos, poucas possibilidades tinham de evolução. Caía-se num círculo vicioso: sem experiência não se joga (podemos ficar mal!), sem jogar não temos experiência (pois ela adquire-se jogando e, sobretudo, perdendo). Incapazes de sacrificar (se é possível aplicar tal palavra!) uma classificação a troco de conceder rodagem a novos jogadores, de abrir caminho a uma série de jovens potencialmente capazes de uma evolução que se deseja, já que «o primeiro milho é dos pardais».

Felizmente que nos últimos anos algo mudou, inclusive a Federação, mas são ainda escassas e esporádicas as representações nacionais...

As Olimpíadas foram apenas um exemplo, pois poderamos focar qualquer outra representação portuguesa.

Um único comentário para o meu primeiro torneio internacional. Excelente o 21.º lugar! Pela oportunidade que representou para mim. Pessoalmente, esperava mais, muito mais, mas teria de perder mais tarde ou mais cedo (quanto mais cedo melhor). Perderei mais vezes ainda, se tiver oportunidade para tal.

De tudo fiz: 4 vitórias, 4 empates e 5 derrotas. Comecei mal, com duas derrotas e dois empates, chegando a estar classificado em 31.º. Como já esperava, ressentia-me da minha inexperiência, perdendo boas posições. Recuperei, ganhando, três jogos, e alcançando o 10.º posto. Sol de pouca dura. Não dispuz das possibilida-

des de alguns, que actuavam com «segundos». Embora sem dispôr de pontos de referência, julgo que isto influenciou a minha actuação.

Jogou-se forte e duro, hábito que em Portugal não existe. Sequência de resultados:

0 0 ½ ½ 1 1 1 ½ 0 ½ 0 1 0

KASPRET (Áustria) - J. P. SANTOS
Grünfeld

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5 4. Cf3 Bg7 5. Db3

Um dos sistemas mas correntemente usados contra a defesa negra. Fazendo pressão sobre d5 as brancas colocam as pretas num dilema: ou trocam os peões, sendo o centro, ou defendem o seu peão de dama com c6, o que implicaria um jogo demasiado passivo;

5... dxc4

Adoptando a linha normal que busca no jogo activo de peças e na posição exposta da Dama branca o contrajogo necessário para a cedência do centro;

6. Dxc4 0-0 7. e4 a6 8. Db3 b5 9. Be2 Bb7 10. e5 Cd5 11. a4?

Tentativa prematura de ganhar um peão em detrimento do necessitado desenvolvimento. Precisando como precisava de ganhar uma partida, este lance veio ao encontro dos meus intuítos agressivos:

11... c5

Uma hipótese muito boa consistia em 11... b4, com a possível continuação 12. Cxd5 Bxd5 13. Dxb4 c5! 14. Dxc5 Cc6 e o activo jogo de peças em conjugação com a vantagem de desenvolvimento é compensação sobrada pelos peões. Jogadas tais como Tc8 e Bxf3 poderiam causar muitos calafrios a Kaspret.

12. axb5

Se 12. dxc5 segue, com mais força ainda, 12... b4! 13. Cxd5 Bxd5 14. Dxb4 Cc6.

12... cxd4 13. bxa6

Ameaçando o bispo que não tem fuga satisfatória, amarrado como está à defesa do Cavalão.

13... Ta7!

O lance que mais prazer me deu em todo o Torneio. Incita à continuação da partida, pois 14. Cxd4 perde o peão de g2 e depois de Cxc3. Interessante era agora 14. Ta4!

14. Cb5 Txa6 15. Txa6 Cxa6 16. 0-0

O peão d4 é intocável pois Da5+ era

um movimento extremamente desagradável: 16. Cbx4 Da5+ 17. Bd2 Da1+ 18. Dd1 Dxb2 ou 18. Bd1 Cc5.

16... Cc5 17. Dc4 Cd7 18. e6.

Esgotadas pela defesa forçada, que lhes consumiu muito tempo, as brancas, daqui em diante, precipitam-se várias vezes, perdendo rapidamente. Era melhor 18. Cbx4 Cxe5 com vantagem negra, embora difícil de concretizar. Contra 18. Dxd4 segue 18... Db8!. O lance jogado aumenta largamente as chances de ataque das pretas, abrindo a coluna f para a torre e permitindo ao peão f comportar-se como gazuá, com e5-e4.

18... fxe6 19. Cg5?

Melhor era 19. Cbx4 Db6.

19... Db6 20. Dd3 Cf4 21. Bxf4 Txf4 22. Dh3 Cf8 23. Bc4 Tf5 24. Cxe6!

A melhor hipótese. Se Bxe6+, segue Cxe6 25. Dxb7+ Rf8.

24... Cxe6 25. Te1?

Apurado pelo tempo perde a possibilidade de complicar a partida com 25. Cc7! Dxc7 26. Bxe6+ Rh8 27. Bxf5 gxf5 28. Dxf5 Dc6, muito embora o par de bispos e o peão d4 garantam a vitória ao adversário.

25... Bd5 26. Bxd5 Txd5 27. Txe6 Dxb5 28. Txe7 Dc6 29. g3 d3 30. Te6 Dd7 0-1.

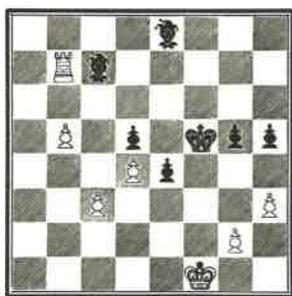
Incluí na minha preparação para o torneio a mentalização inerente ao facto de ser português, o que traz vantagens e desvantagens; e do controle das últimas dependia a minha classificação. Julgo que não me saí mal de todo, mas uma surpresa esperava-me. Vantagem: conhecendo a fama (má) que rodeia os representantes portugueses, competia-me explorar a displicência que certamente iria apoderar-se dos meus adversários. Desvantagem: como consequências dessa mesma fama, era forçado a jogar uma série de posições igualadas durante horas, pois os meus adversários julgavam-me incapaz de aguentar a igualdade. Tal facto arrasou-me fisicamente ao longo do Torneio. Logo na segunda sessão, uma derrota em 90 lances afigurou-se-me particularmente desagradável. Analisando no entanto o meu jogo, não tenho que me queixar, pois, estando bem nos finais, aguentei a tempestade. Mas...

Inabituações a jogar todos os dias, os portugueses ressentem-se, salvo raras excepções, deste tipo de torneios. A uma boa partida sucedia-se uma curiosa queda

livre, que culminou com dois «duplos» de cavalo, um dos quais responsável pela minha derrota com o francês, na 11.ª ronda. Conclusão: teremos de nos preparar, tanto moral como fisicamente, para tais eventualidades. Mas a vingança é doce!

MOKRY (Chescolováquia) - J. P. SANTOS

Na sequência do que já disse, tive de aguentar nesta partida com a persistência do meu adversário em jogar uma posição igualada. O meu erro não se fez esperar, e perdi qualidade. Rapidamente adoptei a mesma tática, e, como errar é humano, o meu oponente fraquejou, e pude equilibrar a partida. Atingimos o primeiro adiamento da partida na seguinte posição:



41. Txc7 Bxb5+ 42. Rf2 h4! 43. Re3 Rf6 44. Tc8 Ba6 45. Ta8 Bc4 46. Ta1 Rf5 47. Tg1 Bd3 48. g3 hxg3 49. Txc3 Bb5 50. Tg2 Rf6 51. Th2 Bc4!

Durante todo o jantar Mokry, tentara fazer-me ver, com a ajuda de Rivas, que a minha posição não tinha esperanças. Sustentavam que 51... Be8 52. h4 gxh4 53. Txx4 Bg6 era forçado e, partindo desta base, forçavam-me rapidamente a uma posição de *zugzwang*, preparando c4 54. Rf4 Bf5 55. Th6+ Bg6 56. Rg4 Rg7 57. Rg5 Bf5 58. Th1 seguido de Ta1 e Ta7+ 52. h4 gxh4 53. Rf4 Re7! 54. Txx4 Rd6 55. Th1 Bd3 56. Te1 Bc4 57. Tb1

Todo o plano das brancas se baseia em forçar o rei preto a deslocar-se, permitindo Re5. Logo...

57... Rc6!

A mais eloquente maneira de provar que tal posição é empate.

58. Re5

Após 40 minutos de reflexão.

58... e3

Propus empate...

59. Rxe6...

que de pronto foi recusado...

59... e2

e adiámos pela segunda vez.

Durante toda a noite, o Checo, com riscos de danificar o material existente na sala, ia dando violentos murros na mesa. Únicas e persistentes palavras: **No draw** (empate não). O peão e2 força as brancas a uma constante vigilância. Uma hipótese consiste no sacrifício de qualidade em e2, mas o final de peões resultante fica empatado: Rd2, Te1, rei preto em d6. Com 1. Txe2 Bxe2 2. Rxe2 Re6 as pretas, mantendo a oposição ao longo do

tabuleiro, exasperam o adversário: 3. Rf3 Rf7 4. Rg4 Rg6 ou 3. Rd3 Rd7 4. Rc2 Rf6 5. Rb3 Rb5. A outra hipótese seria forçar o *zugzwang*. Por exemplo: Rd2 Rd6 — 1. Tb4 com a intenção de sacrifício em c4, mas as pretas têm sempre o sorridente lance 1... Bd3. O meu adversário resignou-se e empatou.

Na última jornada defrontei o recente vencedor do «Mundial» de Cadetes, J. Arnasson.

J. P. SANTOS - J. ARNASSON (Islândia) Inglesa

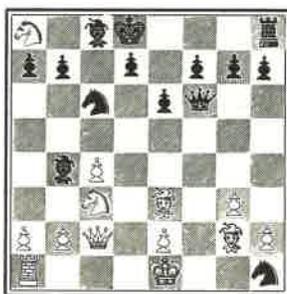
1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 c5 4. Cf3 cxd4 5. Cxd4 Bb4+ 6. Cc3 Ce4 7. Cdb5 Df6

Após uma hora de reflexão, o meu adversário decidiu complicar a partida, pois lances normais conduziram a uma rápida desvantagem com Bg2 e 0-0, tornando o 5.º e 6.º lances negros isentos de objectivo.

8. Dc2! Cxf2

Se 8... Dxf2+ 9. Rd1, com as ameaças Cxe4 e Cc7+.

9. Cc7+ Rd8 10. Cxa8 Cxh1 11. Be3 Cc6 12. Bg2?



O plano de qualquer dos jogadores consiste em dar cabo do cavalo adversário. Mas algo mais existe: a posição débil do rei negro em d8. É quase crónico um erro meu nesta posição. Já contra Rui Pereira perdi uma partida com um erro grosseiro depois de refutar as suas ideias agressivas. 12. Dd2! De5 (planeando a caça ao cavalo) 13. 0-0-0! (combinando o desenvolvimento com a ameaça ao intruso em h1; a ideia é Bf4 sem temer Dd4) 13. ... Bc5 (jogada de trunfo do meu adversário, mas...) 14. Bf4 Dd4 15. Dxd4 Bxd4 (se Cxd4 16. Ce4) 16. Txd4! e 17. Bg2, devendo-se as pretas preparar para sofrerem um ataque ao rei.

12... De5 13. Dd2

Já é tarde.

13... Cxg3 14. Bf4

E as pretas ganham contra qualquer jogada. Como exemplo apresento 15. Bxe5 Cxd2. 16. Bxc6 Cxc4! 17. Bxg7 Tg8 18. Bf6+ Be7 19. Bxe7+ Rxe7, ganhando com a ameaça Tg1+. O resto é pura agonia...

15. Bxe4 Bxc3 16. bxc3 Dxe4 17. Bc7+ Re8 18. Bd6 f6

Não 18... Dh1+?? 19. Rf2 Dxa1 20. Dg5! f6 (contra Cc7++). 21. Dxg7.

19. 0-0-0 Rf7 20. Tf1 Dxc4 21. Dg5 Dxc3+ 22. Rb1 De1+ 0-1

A corrida ao prémio da beleza não foi grande. Os jogadores, imbuídos de espírito prático preferiram ganhar feio a perder bonito. Uma única excepção: Pasman. A ele pertenceu o prémio.

PASMAN (Israel) - GEORGIEV (Bulgária) Veresov

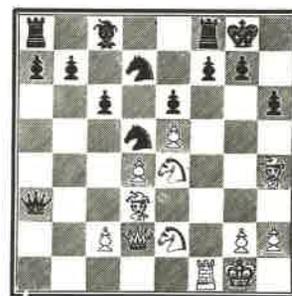
1. d4 Cf6 2. Cc3 d5 3. Bg5 c6 4. f3 Db6 5. Dd2 Dxb2 6. Tb1 Da3 7. e4 e6 8. Bd3 Da5 9. Cge2 h6 10. Bh4 Cbd7 11. 0-0 dxe4 12. fxe4 Bb4

Mau grado o peão a mais as negras estão mal, com enormes problemas de desenvolvimento que as brancas aproveitarão para um magnífico ataque.

13. a3 Bxa3 14. Ta1 Db4 15. e5 Cd5 16. Txa3!

Acabando com a única peça capaz de defender eficazmente as casas negras e o rei adversários.

16... Dxa3 17. Ce4 0-0



18. Cf6+! C7xf6

Se gxf6 19. exf6! e as pretas sucumbem à ameaça Dxxh6.

19. exf6 e5

Procurando desesperadamente ar para as suas peças.

20. fxg7 Rxg7 21. dxe5 Dc5+ 22. Rh1 f5

Contra 23. Bf6+ Cxf6 24. exf6+ Rg8 25. Dxxh6

23. exf6 e.p. Cxf6 24. Df4 Cd5

Ou 24... De7 25. Dg3+ Rh8 26. Dg6

25. Dg3+ Rh8 26. De5+ Rg8 27. Dg3+ Rh8 28. De5+ Rg8 29. Dg3+ Rh8 30. De5+ ½ - ½

O xadrez é um jogo prático. Depois de conduzir o ataque de uma forma brilhante, as brancas vêem-se forçadas a empatar devido ao tempo que as apurava. A decisão (acertada) não tira o mérito à partida que, mesmo assim, foi galardoada com o prémio. 26. Te1! (evitando o mate na oitava e preparando a entrada da torre em jogo) ganhava o jogo de maneira espectacular. 26... Bf5 continua impraticável devido a 27. De5+. Por outro lado 26... Ce3 perde contra 27. Cf4! e 26... Tg8 segue 27. De5+ Tg7 28. Cf4!

Que se analise e se chegue à mesma conclusão que Georgiev: «há dias felizes...»

JOSÉ P. SANTOS

Defesa Grunfeld

— variante Taimanov

Iniciamos neste número a apresentação de um extracto de um livro a ser publicado na URSS sobre a defesa Grunfeld, da autoria do actual Campeão do Mundo da modalidade por Correspondência, Jacob Estrin (texto teórico) e do ex-Campeão Mundial Miguel Botvinnik (partidas comentadas). O artigo foi amavelmente cedido por Estrin à R. P. X., através do MI J. Durão durante a sua recente visita à URSS

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5

A

4. Bg5

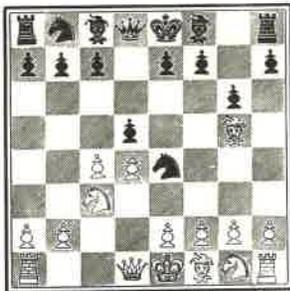
As brancas tentam forçar as negras a abandonar o centro. Este lance foi jogado pela primeira vez na partida Alekine-Grunfeld, Viena 1922; as negras encontraram a melhor resposta 4... Ce4!

4. Cf3 Bg7 5. Bg5 é analisado em B.

4... Ce4!

4... c6 não é bom; as brancas têm melhores perspectivas com 5. Bxf6 exf6 6. cxd5 cxd5 7. Db3 Cc6 8. e3! (e não 8. Dxd5 Db6! com contra-jogo negro).

4... dxc4 não é suficiente; as brancas têm vantagem depois de 5. e4 Bg7 6. Bxc4.



Agora as brancas têm a escolha entre quatro linhas principais:

I. 5. Cxe4, II. 5. cxd5, III. 5. Bf4. IV. 5. Bh4.

I

5. Cxe4

Esta troca não é favorável às brancas, pois o Pe4 impede o desenvolvimento natural das suas forças.

5... dxe4 6. Dd2

6. e3 c5 7. Dd2 Bg7 8. Ce2 0-0 não é melhor; por exemplo 9. Cc3 cxd4 10. exd4 f6! 11. Be3 f5 12. Cd5 Cc6 (O'Kelly-Pachman, XI Olimpíada, Amsterdão 1954) ou 9. d5 h6 10. Bh4 g5 11. Bg3 Bf5 12. Cc3 Cd7 13. Be2 Db6! (Szalay-Varnusz, Hungria 1972); em ambos os casos as negras têm vantagem. Depois



J. Estrin
(da revista «Schach»)

de 9. 0-0-0 h6 10. Bf4 f5 11. h4 Cc6 12. Rb1 Db6 13. dxc5 Dxc5 14. Dd5+ Dxd5 15. cxd5 Ce5 16. Cc3 Td8 17. Be2 Bd7 as negras têm também um belo jogo (Peev-VI. Popov, Camp. da Bulgária 1963).

6. Da4+ c6 7. e3 Bg7 8. Da3 Cd7 9. Ce2 também não dá nada às brancas. Depois de 9... h6 10. Bh4 g5 11. Bg3 e5 12. Cc3 f5 13. Be2 De7 14. Dxe7+ Rxe7 15. dxe5 Cxe5 as negras têm vantagem (Szilagyi-Szallay, Camp. da Hungria 1964).

6... Bg7 7. 0-0-0 h6

7... c5 é também jogável; se 8. dxc5, então 8... Dxd2+ 9. Txd2 Be6 10. e3 Ca6 11. c6 bxc6 12. Ch3 h6 13. Bh4 g5 14. Bg3 0-0 com vantagem das negras (Kunsevich-Kutyandin,, Moscovo 1955).

A teoria do «livro» diz que 7... Cc6 é mau porque impede o eventual c5. O jogo Lundin-Spielman, Estocolmo 1933, parecia confirmar esta apreciação: 8. e3 Bf5 9. f3! com vantagem das brancas. Todavia as negras devem jogar 8... Dd6!; por exemplo 9. f3 exf3 10. Cxf3 Bf5 11. h3 0-0-0 12. Bf4 e5 13. Bh2 The8, com uma boa posição (Baum-Heffer, 1955).

8. Bf4

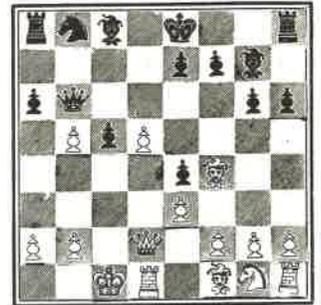
Na partida Knaak-Forgacs (Ploesti 1971) as brancas jogaram 8. Bh4; as negras obtiveram um jogo activo com um

súbito 8... b5! 9. cxb5 Dd5. Depois de 10. e3 Be6 11. b3 Dd6 12. Bc4 Bxc4 13. bxc4 a6! 14. Ce2 axb5 15. cxb5 c5! 16. Dc2 Cd7 17. Bg3 De6 18. d5, as negras deveriam ter jogado 18... Db6!, que lhes daria uma perigosa iniciativa.

8... c5 9. d5

Alatortsev - Flohr Leninegrado-Moscovo 1939) seguiu 9. dxc5 Dxd2+ 10. Bxd2 Be6 11. e3 Cd7 12. f3 Cxc5 13. Bb4 Tc8, com uma clara vantagem das negras.

9... b5! 10. cxb5 a6 11. e3 Db6



O jogo por correspondência Meyer-O'Kelly (1957) continuou 12. d6 e6 13. d7+ Cxd7 14. a4 axb5 15. Bxb5 0-0!, com iniciativa negra.

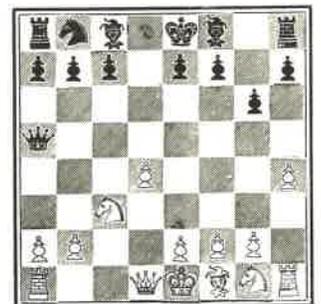
II

5. cxd5

Esta continuação é mais forte que 5. Cxe4 acima analisada, contudo também não traz dificuldades às negras.

5... Cxc3

Um outro método é 5... Cxg5 6. h4 Ce4! (6... c6 7. hxg5 cxd5 8. e3 Cc6 é pior, devido a 9. Db3 e6 10. f4 com melhores perspectivas para as brancas Chernyak-Simagin, Moscovo, 1966) 7. Cxe4 Dxd5 8. Cc3 Da5.



Aqui as brancas podem escolher entre várias linhas, nenhuma prometendo mais que as outras:

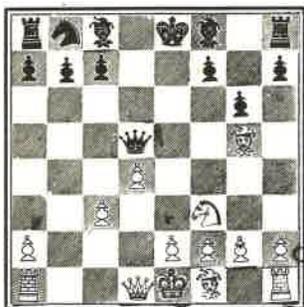
a) 9. h5 Bg7 10. Dd2 (ou 10. hxg6 hxg6 11. Txb8+ Bxb8 12. e3 Be6 13. Ce2 Bc4 14. Cf4 Bxf1 15. Rxf1 com igualdade, Liental-Ilivitsky, Parnu 1955) Cc6 11. e3 Bf5 12. h6 Bf6 13. e4 Cxd4! 14. exf5 0-0-0 e as negras têm ataque esmagador. Se 15. Td1 Cb5! é forte.

b) 9. a3 c5 10. Tc1 Bg7 11. dxc5 0-0 12. e3 Be6 13. Ce2 Cc6. Depois de 14. h5 Tfd8 15. Da4 Dxc5 16. hxg6 hxg6 17. Cf4 Bf5 as negras obtiveram vantagem (Shashin-Nei, Erevan 1965).

c) 9. e3 Bg7 10. Bc4 c5 11. Df3 (o

11. h5 0-0 12. hxg6 hxg6 13. Rf1 cxd4 14. exd4 Cc6 e as negras têm vantagem, Simkin-Spassky, Camp. de Juniores da URSS, 1950) 0-0 12. Ce2 cxd4 13. exd4 Cc6 com vantagem das negras, Canal-Gligoric, IX Olimpíada (Dubrovnik 1950).

6. bxc3 Dxd5 7. Cf3



7... c5

7... Bg7 leva usualmente a uma transposição de jogadas; entretanto as brancas podem tentar outros métodos contra 7... Bg7; por exemplo:

8. Db3 Be6 9. Dxd5 Bxd5 10. Cd2! c5 11. e4 Bc6 12. d5 Bd7 13. Tc1 e6 (Mikenas-Landau, Kāmeri 1937). Aqui as brancas poderiam obter vantagem com 14. Cc4! (sugerida por M. Euwe).

8. Da4+ Bd7 9. Da3 Cc6 10. e3 h6 11. Bh4 e as negras estão forçadas a jogar 11... Dd6, pois 11... Da5? custaria um peão, depois 12. Bxe7!, como na partida Taimanov-Kozma (Oberhausen 1961).

8. e3 Bg4 9. Be2 Cc6 10. Bh4 0-0 11. 0-0 Tfe8 12. Bg3 e5 13. h3 Bf5 14. Da4 com melhores perspectivas para as brancas (Simagin-Korchnoi, XX Camp. da URSS 1952).

8. e3 Bg7

Depois de 8... cxd4 as brancas devem jogar 9. Dxd4! Dxd4 10. cxd4 já que a troca das damas as favorecem, por exemplo 10... Cc6 11. Bb5 Bd7 12. Tb1! Ca5 13. Re2 e as negras têm dificuldades (Palermo-Sanguinetti, Mar del Plata 1968).

9. Bb5+

9. c4 é prematuro; as negras jogam 9... Dd8! ameaçando tanto 10... Da5+ como 10... Cc6.

9... Bd7

Se 9... Cc6 então 10. Db3; 10. c4 De4 11. 0-0 não é tão forte como 10. Db3, devido a 11... h6 12. Bh4 0-0 13.

Db1 f5, com melhor jogo das negras (Ghițescu-Smejkal, Amsterdão 1971).

10. c4 De4 11. 0-0 Bxb5

Uma importante jogada intermédia. Se 11... 0-0 de imediato, então 12. Db1! De6 13. a4 Bxb5 14. Dxb5 b6 15. a5 com vantagem das brancas (Petrosian-Filip, Bucareste 1953).

12. cxb5 Cd7 13. Tc1 b6



As perspectivas são iguais para ambos (Alekhine-Grunfeld, Viena 1922).

III

5. Bf4

Depois desta jogada as negras têm também um bom jogo.

5... Cxc3 6. bxc3 Bg7

K. Grygoryan-Tukmakov (XXXIX Camp. da URSS 1971) continuou 6... dxc4 7. e3 Be6 8. Tb1 b6 9. Cf3 Bg7 10. h4 h6 11. e4 Cd7 12. Da4. As brancas recuperam o peão e igualaram o jogo.



7. e3

7. cxd5 conduz à igualdade, por exemplo 7... Dxd5 8. Cf3 (8. Bxc7? Dc6 9. Ba5 b6 10. Bb4 a5 e as negras ganham) 0-0 9. Db3 Da5 10. e3 c5 11. Bc4 cxd4 12. exd4 Cc6 13. 0-0 Df5 (Bronstein-

-Suetin, XXXIII Camp. da URSS 1965). Ou 8. e3 (em vez de 8. Cf3) Da5 9. Dd2 c5 10. Cf3 Cc6 11. Be2 0-0 12. 0-0 cxd4 13. cxd4 Dxd2 14. Cxd2 e5, com bom jogo das negras (Petersson-Olafsson, XV Olimpíada, Varna 1962).

Depois de 7. Cf3 0-0, 8. c5 é duvidoso (8. Db3!) devido a 8... b6 9. cxb6 axb6 10. e3 Ba6 11. Bxa6 Txa6 12. 0-0 Dd7! 13. Dc2 Dc6 com posição preferível das negras (Botvinnik-Illivitsky, XXXII Camp. da URSS 1955).

7... c5 8. Cf3 0-0

O imediato 8... Cc6 é também bom, por exemplo 9. cxd5 Dxd5 10. Be2 0-0 11. 0-0 cxd4 12. cxd4 Bf5 13. Da4 Da5! 14. Db3 Db4 15. Dxb4 Cxb4 com igualdade (Kaunas-Gutman, Vilnius 1971).

9. cxd5

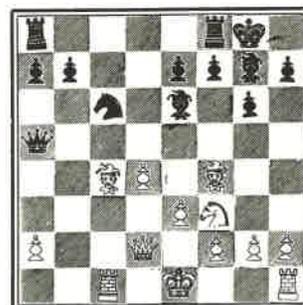
Ou 9. Be2 Da5 10. Dd2 dxc4 11. Bxc4 Cc6 12. Tb1 b6 13. 0-0 cxd4 14. exd4 Ba6. O jogo está mais ou menos igualado (Levenfish-Alatortsev, Moscovo 1935).

Além de 9... Da5, 9... dxc4 merece atenção, por exemplo 10. 0-0 Cc6 11. Bxc4 Bf5 12. Tc1 Tc8 13. Da4 a6, com uma boa posição para as negras. (Balcerowsky-Gligoric, Moscovo 1973).

9... Dxd5 10. Be2 cxd4 11. cxd4 Da5+ 12. Dd2 Cc6

Nas partidas Korchnoi-Uhlmann (Buenos Aires, 1960) e Taimanov-Hort (Harachov, 1966 as negras igualaram depois de 12... Dxd2+ 13. Rxd2 Cc6.

13. Tc1 Be6 14. Bc4



Damjonovic-Smejkal (Varna 1971) continuou 14... Bxc4 15. Txc4 Da6 16. Tc5 Tac8 17. De2 Da3 18. 0-0 b6 com igualdade.

(Continua no próximo número)



BANCO
NACIONAL
ULTRAMARINO

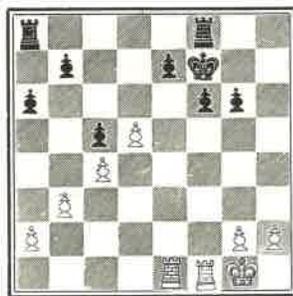


Bloqueio: a ruptura

Ao iniciar, no passado número, esta série de artigos sobre posições de bloqueio, indiquei que elas se podem forçar, basicamente, por três processos: o **zugzwang** (de que dei então um exemplo), as rupturas e os sacrifícios.

Para ilustrar o segundo destes casos, escolhi um caso retirado da minha própria experiência... e experiência, aliás, algo «dolorosa», porquanto, ao tratar-se de uma partida por correspondência, passei quase um ano a «sofrer», sem poder reagir, «enquanto nuvens negras se acastelavam no horizonte», como acho que já li algures...

A partida pertence às semifinais do XI Campeonato do Mundo. De brancas, J. KALISH, um dos mais fortes jogadores norte-americanos de xadrez postal (quarto tabuleiro da equipa que actualmente disputa a final da VIII Olimpíada), pelo que ainda hoje me custa a crer que tenha sobrevivido à posição do diagrama.



23. Te6 Td8 24. Tb6 Td7 25. g4 g5 26. Rg2 Th8 27. Te1 Th4 28. h3 Th8 29. a4!

O bloqueio deve ser forçado por uma ruptura, seja em h4, seja em b4 (se não combinado com outras acções, d5-d6 só serve para libertar as pretas da fraqueza em e7). Como as negras nada podem fazer senão esperar, as brancas aproveitam para avançar o peão a a5. Conseguem com isso insistir na debilidade b6, ao mesmo tempo que colocam o peão numa situação menos vulnerável e propícia a uma eventual «corrida» a dama, para quando o jogo se abrir.

29... Tb8 30. a5 Tg8

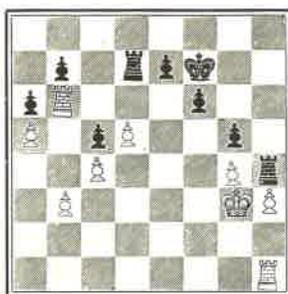
«Que fazer?», interrogar-se-ia Lenine...

31. Rg3 Th8 32. Th1 Th4!

O ponto de exclamação vai mais apostado à psicologia do lance do que ao facto

de impedir a ruptura em h4. Ao analisar a partida não cheguei a conclusões definitivas sobre 32... Rg7 33. h4 gxh4+ 34. Txh4 que, de qualquer forma, dá grandes possibilidades às brancas. Por exemplo: 34... Txh4? 35. Rxh4 Rg6! 36. g5 Rg7! 37. Rh5 fxc5 38. Rg4! Rg8! 39. Rxc5 Rf7! 40. Rf5 Tc7 41. Re5 Td7. As negras conseguiram a melhor posição para arrostar com 42. d6 mas, mesmo assim, não têm salvação: 42... exd6+ (42... e6? 43. b4 cxb4 44. Txb4, **zugzwang**) Te7+ 43. Rd5 Tc7 (43... Te3 44. Td7+) 44. Th6! Rf8 (44... Rg7 45. Tb6 e 46. Rd6) 45. Th8+ Rg7 46. Tb8 Rf7 47. Rd6 Tc6+ 48. Rd7 e ganham. As melhores hipóteses de defesa residem em 42... Tb8, para se 43. Rf4 Td6! 44. Txd6 exd6, e as pretas ocupam a tempo a vital coluna e. Porém, as brancas dispunham de 43. Th2 ou 43. g5!? fxc5 44. Te4.

Nesta linha o meu diagnóstico, embora reservado, não era conclusivo, pois havia hipóteses de salvação com 44... Rf7 45. Rg4 Tg8 46. Te5 Th8 47. Tf5+ Rg7 48. Txc5+ Rf7 49. Rf5 Th1 50. Tg4 Te1 51. Te4 Tf1+ 52. Re5 Th1! (52... Tf6? 53. Tf4!). Poderão as brancas melhorar a variante? Talvez; mas o fundamental de 32... Th4! está como já disse, num motivo psicológico: **provocar** 33. b4, contra o qual me parecia ter descoberto a defesa eficaz!... 32... Th4! dá às brancas um importante tempo para as complicações resultantes da ruptura em b4, pelo que é um «canto de sereia» a que se torna difícil de fugir... Em contrapartida, se 32... Rg7, as brancas não só dispunham de 33. h4!?, como podiam descobrir a ruptura em b4 que me parece realmente decisiva!



33. b4?

Aparentemente ganhante, pois as negras perderão uma jogada a retirar a Th4 e, na consequência, o «fininho» do lance

36 ganha um segundo tempo, o que parece decisivo... mas não é.

O plano que eu realmente receava consistia na manobra Te1-Te3, seguido da transladação do rei até d3 e só então b3-b4. Por exemplo: 33. Te1 Th8 34. Te3 Rg7 35. Rf2 Rf7 36. Re2 Tc8 37. Rd3 Tdc7 38. b4 (38. Re4 Rg6) cxb4 39. Txb4 Rg7 40. Rd4 Rf7 41. Tc3 Td7 42. Tb6 (42. c5? Tcc8) Tdc7 se 42... Re8 43. Tcb3 Tdc7 44. T3b4 ou 43... Tcc7 44. c5! Rd8 45. d6! cxd6 46. cxd6 Tc8 (46... Tc6 47. Txc6 bxc6 48. Tb8++) 47. Rd5 Tb8 48. Txa6, e ganham. Outra possibilidade de defesa seria atingir a mesma posição com o adversário a jogar, para o que, anteriormente, se teria continuado com 40... Rf8 41. Tc3 Td7 42. Tb6 Rf7, mas também aqui triunfavam as brancas, com 43. Tcb3 Tdc7 44. Tbb4! Th8 45. Txb7 Txb7 46. Txb7 Txh3 47. d6 Re6 (47... Tg3 48. d7 Txc4+ 49. Rc5 ou 48... Th1 49. Tb3) 48. d7 Th1 49. Rc5 Td1 50. Rb6 Txd7 51. Txd7 Rxd7 52. c5! Rc8 53. Rxa6 e5 54. Rb6 e ganham, pois o peão coroa com xeque 43. c5 Re8 44. c6 Rd8 (44... bxc6 45. dxc6 Ta8 46. Rc5 Rd8 47. Tb7 Rc8 48. Rb6; 44... Tb8 45. Tcb3) 45. Rc5! Rd8 46. Tcb3 Tb8 47. Txa6, ganhando.

33... cxb4 34. Tb1! Th8 35. T1xb4 Tc8 36. Rf3!

Muito mais forte do que 36. Txb7 Txb7 37. Txb7 Txc4 38. d6 Td4 39. Txe7+ Rf8 40. Ta7 Txd6 41. Rf3 Te6, e o rei branco encontra a passagem cortada.

36... Tdc7 37. Txb7 Txb7 38. Txb7 Txc4 39. d6 Td4 40. Txe7+ Rg6!!

O quid de toda a defesa. Perdia 40... Rf8? 41. Ta7 Txd6 42. Re4 Re8 43. Rf5 Td5+ 44. Rxf6 Txa5 45. h4!! gxh4 46. g5.

41. d7 Td3+! 42. Re4 Td6 43. Rf3 1/2:1/2.

Uma possível continuação seria 43... Td3+ 44. Re2 Td6 45. Re1! Rh6 46. d8D Txd8 47. Te6 Rg6 48. Txa6 Th8 49. Rd2 Txh3 50. Ta8 Ta3 (também serve 50... Rg7 51. a6 Tg3 52. a7 Ta3, e quando o rei branco avançar leva repetidos xeques por trás, pois não dispõe do refúgio em a7) 51. a6 Ta2+ 52. Rc3 Ta3+ 53. Rb4 Ta1 54. Rb5 Tb1+ 55. Rc6 Tc1+ 56. Rb7 Tb1+ 57. Ra7 f5! 58. Tg8+ Rf7 59. Txc5 fxc4 60. Txc4 Re7 61. Td4 Tb2, com empate teórico.

ALVARO PEREIRA

Leia, assine e divulgue a

**REVISTA
PORTUGUESA
DE XADREZ**

Campeonato da URSS

- Gulko e Dorfman vencedores
- Chiburdanidze ganha o Feminino

O torneio, que é tido como um dos mais fortes, senão mesmo o mais forte campeonato nacional do mundo, teve lugar em Leninegrado durante o passado mês de Dezembro.

Atesta-o a elevadíssima média Elo dos seus participantes — 2565 —, entre os quais se contavam treze GM, três deles ex-campeões mundiais — Smislov, Tal e Petrosian —, e apenas dois MI, Dorfman e Bagirov, e um MN, Grigorian.

Repare-se como curiosidade que o leque de idades ia desde os 21 anos de Kochiev aos 65 de Smislov, sendo a média de 35 anos.

Tigran Petrosian, que comandara destacado a primeira parte da prova, viria a ser ultrapassado por Boris Gulko, completados que eram os dois primeiros terços do torneio. Sobressaía então entre os demais participantes Sveshnikov, que em dez jogos perfizera dez empates! Todavia, não viria a ser nem ele nem Petrosian, o sólido especialista dos «nichtia», quem se cotaria como o jogador mais empatativo. Outro veterano, Geller, viria a totalizar nada mais nada menos que catorze, revelando uma invejável «regularidade» ao longo das quinze jornadas deste campeonato.

Todavia, a grande surpresa do torneio viria a recair no «apenas» MI Iosif Dorfman, que, ao fazer 4 pontos nas cinco últimas sessões, cortaria a linha final ex-aequo com Gulko. Conforme noticiámos no último número, o *match* de desempate terminou em 3:3, pelo que o título foi repartido pelos dois xadrezistas.

Dois dos principais favoritos, os recém-co-vencedores do Torneio do 60.º Aniversário da Revolução de Outubro M. Tal

e O. Romanishin (ver RPX n.º 6), fizeram uma prova algo irregular.

Romanishin, dentro do seu estilo habitual, inovando variantes e lutando sempre que possível pela vitória, segundo as suas próprias palavras; mas principalmente Mikhail Tal, que recentemente obtivera o 1.º lugar no Memorial Tchigorin (ver R. P. X. n.º 9), e que se viu agora obrigado a dar tudo por tudo nas últimas sessões, pois até à 10.ª jornada somara apenas 4 pontos.

Esperávamos bastante melhor, tanto de Smislov que fora 3.º no referido torneio comemorativo da Revolução de Outubro, como de Tukmakov, que em Setembro passado fora 2.º atrás de Kuzmin no torneio de Baku, 1.ª Liga, o qual constituía fase de apuramento para este nacional.

Muito agradável o 5.º lugar de Bagirov, que era antes da prova o participante com mais baixa pontuação Elo — 2498.

Classificação: 1.º, **Gulko e Dorfman**, 9½ pontos; 3.º, **Petrosian e Polugasvski**, 9; 5.º, **Bagirov, Geller e Tal**, 8; 8.º, **Kuzmin e Romanishin**, 7½; 10.º, **Balashov e Sveshnikov**, 7; 12.º, **Kochiev, Smislov e Tutmakov**, 6½; 15.º, **Grigorian**, 5½; 16.º, **Alburt**, 5.

A par com esta prova disputou-se o 38.º Campeonato Feminino da URSS, nele sobressaindo a juventude das suas primeiras classificadas.

Sagrou-se vencedora Maya Chiburdanidze, de apenas 17 anos, com um ponto de vantagem sobre Alexandria, de 28, e Ioselani, de 15. Na quarta posição quedou-se Ahcharumova, que tem 20 anos.

A actual vice-campeã do mundo, Nana

Alexandria, teve um fulgurante início de prova, pois à 8.ª jornada conseguira já seis vitórias e dois empates, levando então um ponto de avanço sobre Chiburdanidze e Ahcharumova.

Chiburdanidze, que não sofreu qualquer derrota, fez uma prova cautelosa, apenas tendo cedido oito empates.

Classificação — 1.ª, Chiburdanidze, 13; 2.ª, Alexandria e Ioseliani, 12; 4.ª, Ahcharumova, 11½; 5.ª, Morozova, 10½; 6.ª, Zaitzeva e Litinskaya, 10, etc. (18 participantes).

SOBREDA ANTUNES

GUIA PRÁTICO DE XADREZ

F. VAN SETERS



A iniciação e o desenvolvimento da prática do xadrez. Van Seters, um campeão, ensina-nos, com um método simples mas eficaz, algumas regras «infalíveis» para levar o adversário a um beco sem saída.

colecção GUIAS PRÁTICOS



B. Gulko e Dorfman — (da revista «64»)

O match Por

Quando ouvi falar pela primeira vez em Xadrez jogado por cartas em «partidas que por vezes duram anos» (tinha talvez 9 anos), pensei que havia tipos muito esquisitos: xadrez era para mim uma palavra mágica, e então jogado por cartas!... Mais tarde, era já iniciado na arte, li em qualquer lado que se faziam matches telefónicos. Pensei apenas: «Porque não?»

Foi também o que pensei quando foi divulgado que a FIDE e a ICCF (International Correspondance Chess Federation) iam organizar uma competição por telex — Porque não? Rapidamente foi-se afirmando a ideia de Portugal vir a participar. Com as promessas de solução dos problemas financeiros decorrentes, a Federação Portuguesa resolveu-se inscrever na I Taça FIDE/ICCF, na modalidade que já foi baptizada de Telexadrez.

Rejubilaram os xadrezistas portugueses com o resultado do sorteio para a 1.ª eliminatória. A França! Que passávamos à 2.ª, disseram logo muitos. Que era uma «pêra doce» diziam mesmo os mais afoitos. Mas logo os primeiros contactos com a Federação Francesa trouxeram-nos uma surpresa. Afinal a França tinha «riscado» a sua inscrição ainda antes do sorteio, mas dificuldades nos contactos FIDE/FFE levaram a que a equipa portuguesa ficasse empareceirada com... ninguém, afinal de contas...

Resultado da 1.ª eliminatória:

- Austrália 6,5 - Guiana 1,5
- Islândia 4 - Inglaterra 4.
- Finlândia 4 - Polónia 4.
- Suécia 4,5 - Noruega 3,5.
- Alemanha Federal 3,5 - Holanda 4,5.
- França — - Portugal —
- ISENTOS: URSS e RDA

Pelo processo de desempate adoptado, que consiste na valorização dos pontos ganhos nos primeiros tabuleiros, a Islândia e a Finlândia ficaram apurados para a 2.ª eliminatória.

E veio o 2.º sorteio. A Portugal saiu a Holanda, enquanto a URSS jogava com a Austrália, a Suécia com a RDA e a Islândia com a Finlândia.

Os contactos com a Federação Holandesa não foram fáceis porque, além de se ter extraviado correspondência, os calendários português e holandês estavam demasiado sobrecarregados. Acabou-se por

marcar o jogo já depois do prazo limite previsto pela FIDE.

Pode agora surgir uma pergunta legítima. O que é um Telex?

Um Telex é apenas uma máquina de escrever que transmite à distância ou, se se quiser, um telefone que escreve. Quando recebe mensagens, escreve «sozinho»; quando as queremos enviar, basta premir as teclas necessárias.

Será relatado noutro local a forma como decorreu o match. Contentar-nos-emos aqui de darmos mais alguns pormenores. Em primeiro lugar, o local. O match decorreu na sala de convívio da ANOP, de forma a que os lances fossem transmitidos pelo Telex situado numa sala vizinha. Cumpre-nos agradecer à ANOP a amabilidade e sobretudo a solicitude demonstrada pelos seus trabalhadores. Em segundo lugar, o ritmo. Factor extremamente importante pelo papel que teve neste match foi o tempo. Os regulamentos dizem que este tipo de competições não se devem arrastar por mais de 8 horas (tempo total), mas como no tempo de jogo não se contabiliza o tempo de transmissão, o ritmo tem que ser bastante acelerado. 25 lances por hora é o que dizem os regulamentos. Com o primeiro controle ao fim de uma hora e meia propuseram os holandeses, o que foi aceite pelo capitão (não-jogador) da equipa portuguesa, Fernando Machado. Por último referir que a equipa holandesa não alinhou com os Grandes Mestres Internacionais Timman e Donner.

Adiante apresentamos as partidas comentadas pelos respectivos jogadores portugueses.

GONÇALO LEAL

BOHM - FERNANDO SILVA
Leninegrado

1. d4 Cf6 2. Bg5 g6 3. Cd2 d5

Com este lance procuro uma partida calma, em virtude de ter chegado com bastante atraso devido a uma confusão com a hora TMG. Mais tensos são 3... d6 ou 3... c5

4. e3 Bg7 5. Bd3 c5 6. c3

Ou 6. dxc5 Da5 com uma partida sem problemas.

6... cxd4 7. exd4 Cc6 8. Cgf3 0-0

A estrutura de peões é a da defesa Karo-Kan (variante das trocas), só que o Bg5 costuma situar-se em f4.

9. 0-0 Bf5! 10. Db1

10. Bxf5 gxf5 dá uma posição central estável para as negras. Controla-se o ponto e4, sendo possível o «ataque das minorias» na ala de Dama ou pressão sobre g2 na coluna semi-aberta.

10... Bxd3 11. Dxd3 Dd6! 12. Tfe1 Ch5!

Para evitar 13. Ce5 e mobilizando os peões centrais.

13. De3 f6 14. Bh4 e5 15. dxe5 fxe5 16. Tad1 De6

Opondo-se a 17. Ce4 seguido de Cc5 e Cxb7 ou Txd5.

17. Bg3 Cxg3 18. hxg3 e4!

Forçando os acontecimentos. A ideia é libertar a casa e5 para o Cc6, após o que g4 e d3 serão pontos estáveis, no campo adverso, para a referida figura.

19. c4!

Reacção no centro que impede o plano das negras, mas cede uma perigosa maioria de ala no final. Registe-se que muitas vezes o objectivo de um jogo de ataque é conseguir certo tipo de finais vantajosos. A partida de xadrez é um todo e o final surge como sequência lógica da abertura e não como recurso imposto pelo «inimigo».



No telebaptismo da selecção portuguesa
 resultado nem tão mau como seria normal
 nem tão bom como poderia ter sido...

tugal - Holanda

19... dxc4 20. Dxe4 Dxe4 21. Txe4 b5
 22. Tb1 Tae8 23. Rf1 Cb4

Procurando o confortável posto avançado d3, de onde se alveja f2 e b2. Mais uma vez as brancas vão ter de reagir no sentido de evitar uma posição manietada.

24. a4!? Txe4 25. Cxe4 bxa4! 26. Ccd2 Mais ou menos forçado. Há que minar c4 quanto antes. A refutação de 26. Cc3 é espectacular: 26... Cd3 27. Cxa4 g5! 28. g4 h5! 29. gxh5 g4 e o ataque sobre f2, combinado com Bd4, é decisivo. Note-se a vantagem de 22... Tae8 sobre a aparentemente melhor 22... Tfe8.

26... Cd3 27. Cxc4 Cxb2!

«Une petite combinaison» procurada pelas negras com o lance 24. Agora se 27. Cxb2 a3! 28. C~ a2 ganhando a qualidade. O Pz4 apoiado pelo Bg7 deve ganhar

28. Cfd2 Tb8?

Isto não é mau, mas a interrogação é merecida porque com 28... Tc8!! 29. Txb2 (29. Cxb3 a3!) Bxb2 30. Cxb2 a3 31. Cd3 a2 32. Cb3 Tc3 33. Cc1 (Cc5) Txc1+ as negras ganham imediatamente. E no caso de 31. Cd1 a2 32. Cb3 Tc1! constitui um remate de luxo! Uma lástima mo-

tivada pelo trabalhar contínuo do relógio.

29. Re2 Te8+ 30. Rf1

Ou 30. Rf3 Cxc4 31. Cxc4 Tc8! 32. Tb4 a3! 33. Cxa3 Tc3+ etc...

30... Cxc4?

Em jeito de autocrítica. Era outra vez possível 30... Tc8!!

31. Cxc4 Te6 32. f4

Procurando o apoio e5 para o cavalo.

32... Bc3 33. Tb8+ Rf7 34. g4! Ta6

35. Tb7+ Re6 36. Ca3

Triste necessidade! De outro modo o Pa4 custa uma figura

36... Rd5 37. Re2

Se 37. Txb7 Bb2 etc...

37... Bd4

Suspensa para adjudicação.

Considero que devo ganhar. Após 38. Td7+ (o melhor) Rc5 (38... Re4 39. g3! com uma desagradável rede de mate com Cc4 — ou b1 — e Cd2) 39. Txb7 Bb2 40. Th3 Tb6 41. Cc2 a5! 42. f5!? (Que jogar?) g5 43. Th5 Rc4! 44. Txb7 Rb3 e se agora 45. Rd3 (d1) Td6+ seguido de Rxc2. De todos os modos o preço do peão a4 deve ser a torre.

DURÃO - HARTOCH

Jugoslava

1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. f3 c6 5. Be3 b5 6. Dd2 Cbd7 7. Ch3 Bg7

No torneio de Palma de Maiorca, em 1967, o ex-campeão mundial Mikhail Botvinnik experimentou 7... Bb7 contra o cubano Eleazar Jimenez e após 8. Be2 e5 9. 0-0 a6 10. Tad1 Bg7 11. Cf2 0-0 12. dxe5 dxe5 13. Cd3 Dc7 14. Cc5 Tad8 o jogo pode considerar-se equilibrado.

8. Cf2 0-0

Na partida Hartston - Rukawina, Vrnjacka Banja 1972, observou-se 8... a6 9. Be2 Dc7 10. 0-0 0-0 11. Bh6 c5 12. Bxg7 Rxb7 13. d5 Bb7 14. a4 b4 15. Cd1 e6 também com igualdade.

9. Bh6 b4 10. Ccd1

Não é possível a troca intermédia 10. Bxg7 por causa de 10... bxc3 e após 11. Dh6 cxb2 seguido de Da5+ e as brancas ficavam perdidas. Por outro lado a ida e volta da dama branca a «h6» que vai seguir-se constituirão perdas de tempo graves. Conclui-se, pois, que 9. Bh6 foi prematuro, devendo ter-se optado pelo de-



envolvimento da ala do rei, seguido de roque. Até mesmo 9. O-O-0 (duvidoso) houvera sido preferível.

10. ... Bxh6 11. Dxb6 Db6 12. c3 c5 13. Dd2 bxc3 14. bxc3 cxd4 15. cxd4 Tb8 16. Ce3 Ba6

O lance que as brancas esperavam há muito tempo e que as levou, erradamente, a atrasar o desenvolvimento do flanco do rei, pois pretendiam desembaraçar-se do Bf1 sem perda de tempo. O engano foi que para não perderem este tempo (a troca, saindo da casa de origem) acabaram por perder outros, mais graves e deixaram perigosamente o rei no centro.

17. Bxa6 Dxa6 18. Cd3?

Com este lance a partida deve ficar perdida, devido à facilidade que as pretas têm em atacar o centro e infiltrarem as torres, sem resposta, na ala da dama. O correcto era 18. Dd3 e se 18... Da5+ 19. Dd2 sem receio de 19... Dxd2+ 20. Rxd2 Tb2+ 21. Cc2 Tc8 22. Thc1 Cb6 23. Cd1 e as brancas têm possibilidade de reagrupar as suas figuras e responder com igualdade de forças na ala de dama. É natural que o empate fosse o desfecho. Se 23... Cc4+ então 24. Rd3 Tb6 25. Tcb1 Ta6 26. a4.

18... Da4 19. Cf4 Tb4! 20. Cfd5 Txd4 21. Cxe7+ Rh8

Não 21... Rg7 por causa do xeque em «f5», ganhando as brancas.

22. Dc3

A impossibilidade de rocar, por causa de 22... Td3 ganhando figura em «e3» será fatal.

22... Ce5 23. C7d5 Td3 24. Dc2 Dd4 25. Re2 Cxd5 26. Cxd5 f5! As brancas abandonam.

A abertura da coluna «f» e o enfraquecimento de «e4» é decisivo.

HANS BOUWMEESTER - RUI PEREIRA

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 e5 6. Cdb5 d6 7. Bg5
As brancas tinham aqui três alternativas



Rui Silva Pereira

principais ao lance da partida: 7. Ca3, 7. Cd5 e 7. a4. Este último, orientado contra a expansão negra no flanco de dama, foi dos mais populares até se encontrar o plano Cc6-b4 e d6-d5, aproveitando o debilitamento da casa b4 por parte das brancas. 7. Cd5 procura evitar as variantes mais agudas, garantindo um jogo mais ou menos calmo e assim frustrando as intenções turbulentas de quem jogou 5... e5; renuncia, por outro lado, à utilização de d5 pelas peças brancas, pois após 7... Cxd5, deve retomar-se de peão. 7. Bg5, aparentemente o mais lógico, pretende o domínio absoluto da dita casa d5, pregando e depois eliminando o Cf6

7... a6 8. Ca3 b5 9. Bxf6

Contra a evidente ameaça b5-b4, as brancas dispõem de outros bons lances, como 9. Cab1 ou 9. Cd5. O primeiro, menos evidente, nem por isso é pior que os outros. Um exemplo: 9. Cab1 Be7 10. Bxf6 Bxf6 11. a4 b4 12. Cd5 Bg5 13. Cd2 0-0 14. Bc4 Rh8 15. 0-0 e as brancas estão bem. O imediato 9. Cd5 é preferido por Karpov, como 9. Bxf6 foi o preferido por Fischer. Um exemplo do primeiro: 9. Cd5 Be7 10. Bxf6 (outra ideia é 10. Cxe7 Cxe7 11. Bxf6) Bxf6 11. c3 0-0 12. Cc2 Tb8 13. Be2 Bg5 14. 0-0 Be6 15. Cce3 com posição equilibrada.

9... gxf6

9... Dxf6? 10. Cd5 Dd8 11. c4! b4 12. Da4 Bd7 13. Cb5!

10. Cd5 f5 11. Bd3

11. exf5 Bxf5 é a alternativa. Poderia prosseguir 12. c3 Bg7 13. Cc2 0-0 14. Cce3 Be6 15. g4 com ideia de Bf1-g2-e4. Isto é um exemplo, pois há outros lances menos populares, como 11. g3 ou 11. Dd3 (Ver RPX, n.º 2, Partidas Recentes), ou mais à frente 13. Df3, 14... Bd7, 14... Be4, etc.

11... Be6 12. Dh5 Bg7 13. 0-0

13. c3 0-0 14. exf5 Bxd5 15. f6 e4 16. fxd7 Te8 17. Be2 Te5 18. Dh6 com iguais possibilidades. Também se experimentou, sem grande êxito, 13. 0-0 Tc8 14. Rb1 Bxd5! 15. exd5 Ce7 e as negras estão bem.

13... f4

A análise da variante da nota anterior basta para perceber porque não 13... 0-0?

14. c3 0-0 15. Cc2

15. Tfd1 Ce7 16. Cxe7+ Dxe7 17. Cc2 Dd7 18. De2 Rh8 19. a4? bxa4 20. Bxa6 f3! com clara vantagem das negras: Ziatdinov - Dolmatov, URSS 1977.

15... f5 16. Ccb4 Cxb4 17. Cxb4 a5?!

Parece dar mais possibilidades 17... d5! 18. exd5 Bd7. Zinn - Sveschnikov, 1974, seguiu 19. f3? a5 20. Cc2 Ta6! e as brancas ficaram em apuros. A considerar é 19. Dd1!?, retirando a dama de um sítio pouco seguro e defendendo o Bd3, para poder responder a a5 com Cc6. Depois de 17... a5, as brancas dispunham de 18. Cc6! Dc7 19. exf5 Bd5 (Bf7!?) 20. Cd4! e 21. Ce6.

18. exf5 Bf7 19. Dh3 axb4

Jogável, mas seria mais convincente 19... Dd7! 20. Cc2 d5 com compensação pelo peão.

20. f6 Bg6 21. fxd7 Rxd7 22. Bxb5 Bf5 23. Df3 Dg5

23... d5?! 24. cxb4 Be4 25. Dc3! Db8 26. f3 mas não 25. Dg4+? Rh8 (Ameaça 26... Tg8) e se 26. f3 Db6+ 27. Rh1 Bf5; 23... Dg5 ameaça 24... e4.

24. Db7+ Rh8 25. f3

25. cxb4 Tab8 26. Dd5 Bh3 (i/ 27... Txb5) 27. a4 f3 28. g3 Bxf1 29. Txf1 Tf6 lance que também se seguiria a 29. Bxf1. Contra 29. Rxf1, poder-se-ia jogar o mesmo Tf6 ou o portuguêsíssimo 29... Tc8 (i/ Tc1+)

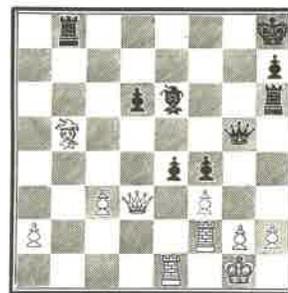
25... Tab8 26. Dd5 bxc3 27. bxc3 Tf6 28. Tf2! Th6 29. Te1! Be6

Ameaçava-se 30. Txe5. 29... Dh4 30. h3 e as negras não têm nada.

30. Dd3 e4

Não se vê outro modo de progressão para o ataque negro. No entanto, como não levou a quaisquer resultados práticos, este lance é criticável, pois não só abre a diagonal a1-h8, como também quebra a cadeia de peões negros. Na posição de adjudicação, as negras têm de jogar e4-e3, após o que é quase sempre muito forte a ameaça g2-g3 por parte das brancas.

31. Dd4+ Rg8



E a partida foi enviada para adjudicação. 32. a4 e3 (... Dh4 33. Txe4!) 33. Tfe2 e as negras não têm continuação clara. Propôs-se empate mais pela actividade das peças pretas do que por possibilidades concretas.

JOSÉ P. SANTOS - VAN DER STERREN

Inglês

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 c5 4. Cf3 cxd4 5. Cxd4 Dc7. 6. Cc3 a6, O ambicioso 6... Dxc4 era unicamente perigoso depois de 7. e4. O rápido desenvolvimento das brancas seria normalmente fatal para as negras. 7. Da4. Melhor era 7. Bg2, insistindo na dívida do peão. O lance da partida será convenientemente refutado: 7... b5! completamente inesperado. Tomar o peão com o cavalo perde com 8... Db7. 8. cxb5 Bb7 9. Cf3 axb5 10. Dxb5. Se Cxb5, Dxc1+. 10... Ce4! 11. Db3. Contra Cxe4 as pretas jogavam Txa2! Por esta altura já me tinha apercebido que tinha caído numa armadilha, preparada em casa pelo meu adversário. Consequentemente, consumi muito tempo na defesa, o que se revelou drasticamente decisivo, mais tar-

de. 11... Ca6 12. Bf4 Cxc5 única para manter a iniciativa 13. Bxc7 Cxb3 14. Tb1! (contra Cxc3) Cbc5 15. Be5 f6 16. Bd4 e5 17. Be3. Impraticável 17. Bxc5 Bxc5 18. Cxe4 Bxe4 19. Ta1 Bb4+ 20. Rd1 com vantagem negra, apesar do peão a menos, consistindo no subdesenvolvimento branco contra o par de bispos e centro pretos. 17... Cxc3 18. bxc3 Be4 19. Tb5! forçando a continuação do texto. 19. Tb2 era respondido com 19... Ca4 20. Tb3 Bc2 e a torre não tem retirada satisfatória (21. Tb7 Cxc3 22. Rd2 Be4) 19... Cd3+! 20. exd3 Bxf3 21. Tg1 Txa2 22. Tb1 Rf7 23. Bg2 Bxg2 24. Txg2 Be7 25. Bd2 Tha8 26. Rd1 (necessária contra 26... Tc2 e Taa2) 26... Bc5 27. h4 T8a3 28. Rc1? e as brancas começam a fraquejar. 28. f3! Be3 29. Te2 e o empate está quase assegurado. 28... Ta6 29. Tb5? e perdem rápido. Ainda se podia resistir com 29. Rd1. 29... Ba3+ 30. Rd1 Td6 31. d4. O facto de a torre não

defender a 1.ª linha torna impossível jogar 31. Re2, pois seguiria 31... Bc1. 31... exd4 32. c4 d3 33. Tb1 Tb6 34. Txb6 Ta1+ 35. Bc1 Bxc1 36. Ta6 Ba3+! contra 36... Txa6 37. Rxc1 e as brancas ainda esperneavam. 37. abandonam, pois 37. Rd2 Bb4+ e Txa6.

VAN DER VLIET-LUÍS SANTOS Siciliana.

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 d6 6. Bg5 e6 7. Dd2 Be7 (uma variante antiga, na moda seria 7... a6, etc.) 8. 0-0-0 0-0 9. f4 Cxd4 10. Dxd4 Da5 11. Bc4 (considerado o lance mais activo; nos anos 50 era usual ver-se 11. e5 dxe5 12. Dxe5 Dxe5 13. fxe5 Cd5 14. Bxe7 Cxe7 com final equilibrado) 11... Bd7 (melhoria de Geller, no seu encontro com Keres em 1962, ao lance 11... Td8?!) 12. e5 (o mais enérgico!) dxe5 13. fxe5 Bc6 14. Bd2 (ameaça tomar o cavalo pois evita Dxd5+) 14...

Cd7 15. Cd5 Dd8 16. Cxe7+ Dxe7 17. The1 Tfc8 18. Rb1 (na partida Karpov-Ungureanu, Olimpíada 72, o campeão do mundo jogou 18. Df4 a5 19. Rb1 Cb6 20. Bd3 Cd5 21. Dg4 e depois de Cb4 22. Bh6 Df8, as brancas têm ligeira vantagem.) 18... b5 19. Bd3 a5 20. h4 Cc5 (esta a minha ideia, tentando reabilitar uma variante «desvantajosa», segundo a teoria) 21. Bg5 Df8 22. h5! Cxd3 (22... h6!?) 23. Txd3 Bd5 (23... Db4!?, 23... h6!?) 24. Df2 Tc4 25. Tg3 (as brancas estão ligeiramente melhor e ameaçam 26. Bh6) 25... Rh8?? (não só não impede a ameaça, como permite algo de ainda mais forte! Jogável era 25... Be4 ou 25... g6) 26. Bf6! Be4 27. h6! Dc5 28. Dxc5! (segue-se 30. Txg7 e mate) 1:0.

CARVALHO E REGO - VAN BAARLE Índia de Dama

1. Cf3 Cf6 2. g3 b6 3. Bg2 Bb7 4. 0-0 e6 5. c4 Be7



Impressões sobre o match

O «match» iniciou-se sob compreensível expectativa. Não apenas pela novidade: para quase todos era uma espécie de baptismo internacional a nível de selecção. Uma certa expectativa ainda porque o nosso «tabuleiro 1» — o campeão nacional Fernando Silva — não chegara ainda, sabendo-se então, através de um telefonema para a sua residência, que estava equivocado quanto à hora do começo (12 TMG correspondiam às 11 horas portuguesas...). Felizmente, jogava com, as pretas e o seu adversário também se atrasara.

As transmissões de ambos os lados eram lentas e assim, as duas primeiras horas foram praticamente consumidas em lances de aberturas. Os mais rápidos eram Carvalho e Rego — Van Baarle... com quatro lances em meia hora!...

Todavia, ao transmitirem-se reciprocamente os tempos de reflexão, o holandês (mestre internacional Bouwmeester, adversário de Rui Silva Pereira) teria apenas gasto dois minutos nas duas primeiras horas de transmissões...

Ao cabo de quatro horas, a média era de 18 lances (os mais adiantados eram os tabuleiros 6 e 7, com 23 lances), havendo porém a maior disparidade de tempos de reflexão.

Entretanto, os nossos jogadores almoçaram e lancharam pelas 13 e 16 horas. A ementa foi a mesma: sandes, laranjadas, cervejas... Jovialmente, havia quem preferisse «comer»... peças do adversário.

Ao cabo da primeira metade do período pré-fixado de oito horas, as perspectivas desenhavam-se pouco animadoras para as nossas cores.

Rui Silva Pereira metera-se em grandes complicações de contra-ataque, à custa de um peão.

Fernando Silva «aguentava-se» perfeita-

mente, não obstante jogar em ritmo acelerado, devido ao seu atraso, optando por uma tática de neutralização das peças mais perigosas do adversário.

Mas Joaquim Durão que em partida directa com Hartoch já lhe ganhara uma vez — estava sob pressão, com o rei «desroçado».

José Pereira dos Santos devastara a peonagem inimiga na ala da dama, mas sofria as consequências do melhor desenvolvimento do jovem como ele Van der Sterren. E consumia muito tempo em análises... desfavoráveis.

Luís Santos, muito optimista a princípio, com a sua «siciliana» de roques diametralmente opostos, sofria um assalto a que o seu contra-ataque não podia contrabalançar. Para cúmulo fez um lance errado de rei — e foi o segundo a abandonar.

Carvalho e Rego, muito cauteloso, é que se avantajara com um peão e boa posição.

António Pereira dos Santos em dificuldades crescentes. Perdeu um peão, viria a ganhar a dama por torre e bispo, mas era-lhe impossível travar um dos peões passados de V. Dop. Viria a ser o primeiro a abandonar, por volta da sétima hora de jogo.

Quanto a João Sequeira, batia-se bravamente com o seu homólogo holandês (são campeões nacionais de juniores) e depois de um susto, empreendia ataque ganhante.

Entretanto (eram 16.10), portuguesas, recebera-se a primeira proposta de empate: era Bohm que se queria despachar, mas o nosso campeão, embora premido pelo tempo, recusou.

A sorte inversa deu-se a seguir (cerca de uma hora depois) no tabuleiro 4: Van der Sterren recusou a proposta de empate do «flitlo» José Pereira dos Santos.

Mais tarde ainda, outra escusa de empate: Carvalho e Rego, com um peão a mais, apesar do difícil final de Torres, não aceitou a proposta de Van Baarle.

Compreensível: Portugal perdia já por 3-0, pois António Pereira dos Santos, Luís Santos e Joaquim Durão tinham já abandonado e José Pereira dos Santos não tardaria a fazê-lo também. 0-4, mas os portugueses não desanimaram.

Fernando Silva «garante» que ganha o final (não atinou com a solução mais rápida, comentaria depois); Rui Silva Pereira, embora premido pelo tempo (menos de dois minutos para executar nove lances!) desencadeara forte ataque central de peões e sobre o roque; o adversário de Rego comunicara que não faria mais lances, optando pela adjudicação (tinha tempo de reflexão para tal); e João Sequeira empolgava a reduzida assistência com um ataque devastador, que renderia a única vitória portuguesa em «jogo jogado».

Ao cabo das oito horas regulamentares: 4-1 a favor da Holanda e três partidas suspensas, com aparente vantagem dos portugueses Fernando Silva, Rui Pereira e Carvalho e Rego.

Suficiente para empatarmos 4-4? Era essa a ilusão no termo do «match», naquele fim de dia memorável para o xadrez nacional.

Análises posteriores provaram que só Fernando Silva terá efectiva vantagem para ganhar; Silva Pereira talvez em partida directa pudesse vencer, mas prová-lo em análise concreta é impossível — Bouwmeester tem defesa; o mesmo se dirá da partida Carvalho e Rego-Van Baarle, com vantagem óbvia do nosso jogador, mas tecnicamente insuficiente.

A selecção portuguesa perderá provavelmente o «telex-match» com a Holanda, mas certamente ganhou alguma experiência e prestígio.

VASCO SANTOS

Está-se em presença de uma Defesa Frãdia de Dama.

6. Cc3 0-0 7. d4 d5 8. Ce5 Ca6

Também se joga nesta posição 8... Dc8 com a intenção de trocar os peões em c4

9. cxd5 exd5

As brancas antecipam-se com o intuito de limitar a acção do Bispo de Dama negro.

10. Bf4

10. Bg5 seria também de considerar; optei pelo lance da partida por me parecer prometedora a eventual conjugação deste Bispo com uma Torre em c1 fazendo pressão sobre o ponto c7.

10... c5 11. Tc1 Cc7 12. Da4 De8 13. Tfd1

As brancas completaram o desenvolvimento e dominam o tabuleiro.

13... Dxa4 14. Cxa4 Ce6

Boa colocação a deste Cavalo, que as brancas tentarão deslocar.

15. Be3 Tac8 16. dxc5 bxc5 17. Cd3 c4

A alternativa seria 17... Cd7 para defender c5 com uma quarta peça.

18. Cf4

Com a ideia referida atrás: deslocar o Cavalo de e6.

18... Cxf4 19. Bxf4 Tfd8 20. Be5

Controlando a casa d4

20... Ce4?

Considero este lance fraco e revelador de falta de imaginação.



Francisco Carvalho e Rego

21. Cc3 f6 22. Bd4 Cc5 23. Be3 Ce4
As negras acabam por reconhecer que não têm alternativa.

24. Bxe7

As brancas tomariam um peão noutra sequência limitando-se apenas a jogar 24. Bxe4 seguido de Bxa7.

24... Cxc3 25. Txc3 Bb4 26. Tcc1 Ta8
27. Bb6 Td6 28. Bc7 Td7 29. Txc4 dxc4
30. Txd7 Bxg2 31. Rxc2 Txa2 32. Td4
Txb2 33. Txc4 Be1 34. Te4 h5!

Conseguindo o necessário controle da casa g4 sem o que as negras teriam sérias dificuldades para travar a maioria de peões contrária.

35. Bd6 Rf7 36. h4 Rg6 37. Te7 Bb4

As negras forçam a troca de uma das peças pois se agora 38. Tb7, então 38... Ba3!

38. Bxb4 Txb4 39. Rf3 Ta4 40. e4 Tz3+ 41. Rf4 Ta5 42. f3

Aqui as negras propuseram empate, que rejeitei. Posteriormente, após a suspensão que se verificou, constatei (constatámos, pois devo referir aqui as exaustivas análises de Victor Silva, Luís Santos e Álvaro Pereira), que as brancas não conseguem passar com êxito final um peão quer na coluna e quer na g sem que as negras as possam privar de vitória mediante a boa colocação do seu Rei.

Assim propôs-se para esta partida o empate.

V. DOP - A. P. SANTOS

Grunfeld

1. Cf3 Cf6 2. g3 g6 3. Bg2 Bg7 4. d4 0-0 5. c4 d5 6. 0-0 dxc4 7. Ca3 Cc6 8. Cxc4 Be6 9. b3 Bd5 10. Bb2 e5 11. Tc1 Era interessante 11. a4 e6 12. Tc1 11... a4 Mais seguro era 11... Dc8 12. a3 Td8 13. e3 De6 com pressão nas casas centrais 12. bxa4 Ta6 13. Cfe5 Superior a Cce5 ou a3, dado que elimina o bispo preto de d5, pressionando em c6 e c7 13... Bxg2 14. Rxc2 Da8 15. f3! A recomendação teórica é 15. Rg1. Ambas as jogadas perseguem o objectivo de evitar um xeque na diagonal branca: ex. 15. Cxc6 bxc6 16. a5 c5+ 17. Rg1 Td8 18. e3 cxd4 19. exd4 c5 com igualdade 15... Txa4 16. Cxc6 bxc6 17. a3 c5! Abre a diagonal à dama. 18. dxc5 Cd5? Grave erro que custa a partida. O correcto era 18... Cg4! Ex.: 18... Cg4 19. Bxg7 Txc4 20. Bd4! Ta4 21. e3! com equilíbrio 19. Bxg7 Txc4 20. Bh6! Txc1 21. Dxc1 Tb8 22. Td1 Tb3 23. Dd2 e6 24. e4 Db8 25. exd5! Tb2 26. d6 Txd2+ 27. Txd2 Dd8 28. d7 f6 29. a4 1-0

JOÃO SEQUEIRA - HAN JANSSEN

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 e6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cc6 5. Cc3 Dc7 6. Be3 a6 7. Cb3

Com este lance as brancas decidem entrar na variante Sozin-Ataque Benko.

7... Cf6 8. f4 d6 9. Bd3 b5 10. Df3 Bb7 11. 0-0 Be7 12. a4!

Se 12. Dh3? as negras jogam 12... h5! com o intuito de jogar Cg4.

12... b4 13. Cb1!

As brancas iniciam uma manobra de cavalo c3-b1-d2-c4 intentando pressionar a debilidade «b6» no campo adversário.

13... d5!?

Novidade teórica. A melhor resposta seria 13... Ca5 com ligeira vantagem branca.

14. C1d2

A intenção é jogar 15. e5 seguido de um ataque no flanco de Rei. Outras alternativas: 14. e5 Ce4!? 15. Bxe4 dxe4 16. Dxe4 Ca5 17. Dd4 Dxc2 18. Cd2 com vantagem das pretas devido à pressão na diagonal a8-h1; se 14. exd5 então Cxd5 com ligeira vantagem.

14... dxe4 15. Cxc4 Cxe4,

Se 15... Cd5 16. Bc5 0-0, 17. Bxe7 Dxe7 18. Cbc5 seguido de Cxb7, Dh3, Cg5 e f5, com forte ataque no fianco de Rei.

16. Bxe4 f5

16... 0-0 17. Df2 e agora 17... f5 é quase obrigatório em virtude de o bispo de «e4» ameaçar perigosamente o Rei negro.

17. Bd3 0-0

17... Ce5 18. Dh5 g6 19. De2 com vantagem.

18. Df2 Tf6?!

Lance duvidoso. Melhor teria sido 18... Bf6 19. Cc5 (19. Cd4!? Cxd4 20. Bxd4 Bxd4 21. Dxd4 com final promissor para as brancas devido à maioria na ala de Dama, Bispo bom contra Bispo mau, e principalmente devido às debilidades em e6, e5 e b6) Tae8 20. Bc4 com ligeira vantagem das brancas, pois é perigosa a iniciativa contra a debilidade e6.

19. Bb6!

19. Cc5? Bxc5 20. Bxc5 Tg6 com contra-chances das pretas.

19... Dd7 20. Tad1 De8 21. Cc5 Bxc5 22. Dxc5

Com o intuito de jogar Tf2.

22... Tc8 23. Tfe1?

Melhor seria 23. a5! tomando definitivamente conta do posto avançado de b6, com grande vantagem de espaço, o par de bispos e grande pressão sobre as debilidades «e6» e «b6», com a intenção de jogar Tfe1 de seguida.

23... Ce7

As negras conseguiram igualar, pois o peão de b4 não deve ser tomado; se 24. Dxb4? Dc6 25. Bf1 Cd5 com vantagem decisiva.

24. Dd6?

A partir deste lance eu e o meu adversário tínhamos menos de 5 minutos para fazer os restantes 16 lances, e talvez devido a isso, voltei a meter água pensando que mantendo a Dama numa posição activa, viria mais tarde a poder fazer a5. Melhor teria sido 24. Df2! Dxa4 25. Ta1 Dc6 26. Bxa6 Bxa6 27. Txa6 Dxc2 28. Dxc2 Txc2 29. Bd8 Tg6 30. Bxe7 T6xg2+ com empate.

24... Tg6??

Nesta posição coube a Janssen o excesso de confiança! 24... e5! teria resolvido a questão a seu favor, se 25. Bc4+ Txc4 26. Dxe5 Dc6 (26... Txb6 seria outro processo de ganhar) 27. Td8+ Rf7 28. De7+ Rg6 e as brancas perdem uma peça.

Secção de Consulta



25. Txe6!

Sem medo! Outros lances levam à derrota. 25. De5? Dc6 —+; 25. Td2? e5! 26. Bc4+ Rf8 (26... Txc4 27. Dxe5 Txb6 seria mais rápido) 27. Dd8+ (27. Dxb4 Dc6! ganhando a peça) Txd8 28. Txd8+ Dxd8 29. Bxd8 Tg2+ ganhando.

25... Tg2+ 26. Rf1

Notar o trabalho do Bispo em b6 na defesa do Rei branco.

26... Dh5 27. Bc4!

Um balde de água fria! Se 27. Be2? Dh3! e se 27. Te3? Dxd1, em ambos os casos com vitória das negras.

27... Rh8

27... Txc4? 28. Dd8+ Rf7 29. Dxe7+ Rg8. 30. Td8+ com mate em 1; 27... Bd5! 28. Txd5! ganhando; 27... Df3+ 28. Re1 e não há mais xeques.

28. Txe7 Df3+

O xeque da agonia.

29. Re1

Vantagem decisiva das brancas.

29... h6 30. Dxe7+

A partir de agora até ao lance 35.º inclusive as pretas só fazem lances únicos.

30... gxe7 31. Bd4+ Tg7 32. Bxe7+ Rh7 33. Be5+ Rg6 34. Bf7+ Rh7 35. Bh5+ Rg8 36. Bxf3 Bxf3 37. T1d7 Bc6 38. Tg7+

Se não fosse xeque as pretas ganhavam a qualidade.

38... Rf8 39. Bd6+ Re8 40. Tde7+ 1:0

Se 40... Rf8 41. Tef7+ Re8 42. Tf8++; e se 40... Rd8+ 41. Tg8 Be8 42. Txe8++

Holanda - Portugal, 5-3

A hora de fechar a redacção do presente número da R. P. X., recebeu a Federação um officio do juiz do encontro Portugal-Holanda comunicando a adjudicação das partidas suspensas.

Na partida Fernando Silva-Bohm, vitória do português.

Nas partidas Rui Silva Pereira-Bouwmeester e Carvalho e Rego-Baarle, empates.

Fica assim confirmado, tal como previam os jogadores nacionais, o resultado final de 5-3 favorável à Holanda.

Apesar de não ser bom, sempre foi melhor que no futebol.

E sem profissionalismo!

P. — 1) A defesa Nimzovitch é a mesma que a Nimzoíndia?

2) Haverá equivalente vocabular português para *zugzwang*?

3) «Stalemate» parece-me traduzir-se por «empate por afogamento do rei». No entanto os ingleses também chamam «smothered mate» ao mate que é dado pelo cavalo, quando o rei está bloqueado. Como se chama este mate na nossa gíria escaquística.

ORFEU V. SANTOS — ALGÉS

R. — 1) A nomenclatura das aberturas, defesas, variantes, tem uma origem bastante variada. Algumas há que têm os nomes dos jogadores que as introduziram ou popularizaram, como, por exemplo, a abertura Ponziani, a defesa Caro-Kann, o ataque Panov e a variante Tchigorine. Também cidades e países deram o nome a outras, quando foram neles praticadas com frequência ou apareceram em importantes partidas aí jogadas. É o caso da abertura Escocesa, da defesa Francesa, do gambito Letão, da variante Carlsbad. Outras, ainda, têm designações um tanto esotéricas, fruto da inspiração do momento ou de semelhanças estranhas que a fértil imaginação dos xadrezistas facilmente estabelece.

Encontramos então a abertura orango-tango, a variante do dragão, a defesa do ouriço. Por fim, este ou aquele sistema de abertura é simplesmente crismado com o nome da peça ou estrutura preponderante aparecendo a abertura do bispo de rei, a defesa dos dois cavalos, a defesa fianqueto de rei.

Algumas destas denominações estão longe de ser pacíficas e assiste-se, por vezes, a um curioso despique nacionalista, em que cada país pretende ter «descoberto a América» em primeiro lugar. Assim, a sequência 1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 é conhecida, na generalidade dos países, como defesa jugoslava ou defesa Pirc, mas na Áustria já se chama Robatsch e, se for à URSS, não esqueça que o seu verdadeiro inventor foi Ufimtsev! Houve mesmo uma revista, com espírito de conciliação (e necessidade de conquistar mercados), que lhe chamou Pi-r-uf!

Noutra abertura, também Portugal invoca os seus direitos de autor..

Não, não se trata da famigerada abertura Portuguesa (1. e4 e5 2. Bb5), de evidente parentesco com a Espanhola, nem do nóvel gambito Lisboa (1. d4 f5 2. g4), mas de algo mais importante e surpreendente: trata-se do vetusto gambito de Rei que eu já ouvi sussurrar ter sido inventado por um português! E, francamente, tal não me espantaria nada, pois tal invenção se

enquadraria perfeitamente na nossa tradicional divisão do trabalho, em que «desbravamos, descobrimos e inventamos e... deixamos aos outros a ignóbil missão de trabalhar no caminho aberto. Se inventámos o gambito do Rei não desenvolvemos o xadrez. Neste como em alguns outros campos vira-se agora uma página da história.

Mas, respondendo enfim concretamente à pergunta, a denominação defesa Nimzovitch é geralmente dada à sequência 1. e4 Cc6 2. d4 d5 etc., enquanto que 1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cc3 Bb4 é conhecida como defesa Nimzoíndia. São sobretudo os franceses que chamam defesa Nimzovitch, ao que apelidamos Nimzoíndia.

2) A forma composta que caracteriza as palavras alemãs dificulta a sua tradução sobretudo quando são de carácter técnico e aplicação restrita. *Zugzwang* que se pode traduzir por *obrigação de jogar*, entrou no vocabulário universal do xadrez e não é, portanto, traduzida.

3) Diz-se mate afogado. É um mate que constitui também tema de problema e em que o rei se encontra cercado de peças próprias que impedem a fuga. O mate deste género mais conhecido é o de Philidor. Neste, porém, a limitação das casas de fuga deve-se também ao facto de o rei se encontrar num canto do tabuleiro. Por exemplo: B: Rh1, Db3, Ce5; P: Rh8, Db8, Te5, Tf8, g8, h7; solução: 1. Cf7+ Rg8 (1... Txf7 2. Dxb8+ 2. Ch6+ (duplo) Rh8 3. Dg8+! Tg8 4. Cf7++.

VICTOR SILVA

XADREZ

Damas • Domino • Ludo
Cavalinhos • Gamão
Cartas • Loto • Monopólio
e muitos outros jogos



Spril
SPORTS
rua do carmo, 21- lisboa

Portugal bem pontuado na IX Olimpíada

Temos hoje duas novas partidas de Xadrez postal para apresentar aos nossos leitores. Na primeira, António Vilaça, do Sporting «B», demonstra um invulgar poder de ataque, «destroçando», com inegável veia romântica, o forte jogador do G. X. Porto, Bernardino Passos. Este encontro corresponde às preliminares do IV Campeonato Nacional de Equipas.

O segundo desafio é a melhor partida portuguesa já terminada nas preliminares da IX Olimpíada por correspondência, onde os nossos representantes têm dado boa conta do «recado». Os nossos resultados até agora: a 1.º tabuleiro, Álvaro Pereira empatou com os M. I. M. Piceva (Finlândia) e X. Steiner (Suíça), respectivamente de brancas e pretas; R. S. Nobre (3.º tab.) ganhou ao M. I. sueco H. Ahman, de brancas, e ao hondurenho, perdendo com o suíço. No 4.º tabuleiro, Victor Silva ganhou aos representantes uruguaio e suíço.

É esta a segunda partida que aqui se reproduz. Trata-se de um interessante exemplo da estratégia hipermoderna. Depois de uma importante inovação teórica, as peças menores das brancas desenvolveram grande pressão, enquanto os peões centrais se mantinham imóveis. Uma grande partida e uma importante vitória!

VILAÇA - PASSOS

IV CAMP. NAC. EQUIPAS
(corresp.)

Pirc

1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. Cf3 Bg7 5. Be2 0-0 6. 0-0 c6 7. a4 Dc7 8. a5.

A alternativa é 8. h3. Inferior parece ser 8. e5 dxe5 9. Cxe5 Be6 10. Bf4 Dc8 com igualdade.

8. ... e5 9. dxe5 dxe5 10. Be3 Td8? Melhor 10. ... Ch5! ou 10 ... Cg4 11. Bd2 Te8 com a ideia de Cbd7-f8-e6 11. Dc1 Cbd7 12. Bc4.

Agora que já não é mais possível às negras colocarem um peão em e6, o bispo branco instala-se na diagonal a2-g8 fazendo pressão sobre f7 e controlando e6.

12. ... Cf8 13. Cg5

Aumentando a pressão sobre f7 e controlando mais uma vez e6.

13. ... Td7

Interessante seria, apesar de tudo, o salto do cavalo a e6, uma vez que nesta posição não seria fácil demonstrar que os peões dobrados e isolados na coluna «e» constituíam uma «fraqueza».

14. f4 h6 15. Cf3 Cg4 16. f5

As brancas cedem o «par de bispos» mas mantêm o ataque

16. ... Cxe3 17. Dxe3 g5 18. h4 gxf4 Pior seria 18. ... g4 19. Ch2 h5 20. f6

19. Cxf4 Dd8 20. f6! Bxf6 21. Dxf6 Bxf4 22. Tf5!

O lance que justifica o sacrifício do cavalo. As brancas ameaçam ganhar com 23. Tf1 e 24. Th5 (mas não 23. Th5? Bf6 e as pretas defendem-se).

22. ... Tc7

Atacando a torre e opondo-se assim ao plano das brancas. Mas a posição é já insustentável para as negras.

23. Td1 Bxf5

É a vez das pretas sacrificarem, numa tentativa de quebrarem o ataque branco. Outros lances não são mais prometedores: 23. ... Td7 24. Td1, 23. ... De7 24. Bxf7+ Dxf7 25. Txf7 Txf7 26. Dxf4, 23. ... De8 24. Th5 Bf6 (24. ... Cg6 25. Dxf6+) 25. Dxf6 sempre com vantagem decisiva.

24. Txd8 Txd8 25. exf5 Td4 26. f6 Bxf6

26. ... Ce6 também perde. Seguir-se-ia 27. Bxe6 fxe6 28. Dg6+ Rf8 (28. ... Rh8 29. f7) 29. Ce4 (ameaça Dh6+ seguido de Dxf4) Be1 30. Cg5 ou 29. ... Td1+ 30. Rh2 b6 31. axb6 axb6 32. Rh3 27. Dxf6 Txc4 28. Dg5+ 1:0

As pretas não podem evitar a perda de uma das torres (28. ... Cg6 29. Dd8+ e 30. Dxc7; 28. ... Rh8 29. Dxe5 e 30. Dxc7; 28. ... Rh7 29. Dd8 Ce6 30. Dd3+ e 31. Dxc4.

(comentários de A. VILAÇA)

SILVA - STILLING

IX Olimpíada por Corresp. — Preliminar
(1977/80)

Inglesa

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 d5 4. cxd5 Cxd5 5. g3 Cc6 6. Bg2 Cc7

As negras pretendem jogar o sistema Maroczi contra a Siciliana, porém o tempo a menos exige este «procedimento caute-

lary, pois, se 6... e5?, então 7. Cxe5. Karpov costuma continuar com 6... g6.

7. Da4

Contra 7... e5 e ameaçando 8. Ce5.

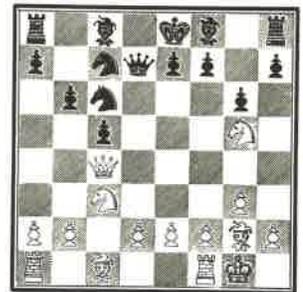
7... Dd7

As negras colocam as peças no caminho umas das outras, mas a alternativa 7... Bd7 não tem dado bons resultados: 8. De4! Ce6 9. e3 g6 10. d4! cxd4 11. exd4 Bg7 12. 0-0! Cexd4 13. Cxd4 Bxd4 14. Bh6! com forte ataque, Uhlmann - Robertsch, Amsterdão 1972, 8... g6 9. Ce5 Bg7 10. Cxd7 Dxd7 11. 0-0 com vantagem, Vaganjan - Polugaevski, XXXIX Camp. da URSS 1971 e Romanichine - Pinter, Costa Brava 1977. O lance 7... f6 é inócuo: 8. d4! cxd4 9. Cxd4.

8. 0-0 g6

As negras, mudando de plano e optando por este desenvolvimento lateral, perdem a primeira escaramuça. Mais tarde se verá que, neste sistema, a Dd7 e o Cc7 estão desfavoravelmente colocados, tendo, além disso, gasto tempos importantes. Certamente desistiram de 8... e5, por que as brancas ganham uma iniciativa prometedora no centro e no flanco de dama, com 9. a3 (com a ideia de 10. b4 cxb4 11. axb4 Bxb4 12. Cxe5 e desaparecem os orgulhosos peões centrais) f6 10. e3! Be7 11. Td1 Uhlmann - Mariotti, Manila 1976.

9. Dc4 b6 10. Cg5!



Uma novidade e, porventura, um reforço para as brancas, nesta posição. Uhlmann, primeiramente, teve a ideia de atacar o Pc5 antes de empreender qualquer acção directa no centro e jogou contra Liebert, no Campeonato da RDA em 1976, 10. b4. A continuação foi 10... Bg7! (se 10... cxb4 ou 10... Cxb4, então 11. Cg5) 11. bxc5 b5! 12. Db3 b4 13. Cg5 0-0 14. Bxc6? (segundo Uhlmann era preferível 14. Da4! Cd4 15. Dxb4 Cxe2+ 16. Cxe2 Bxa1 17. Dh4! com vantagem, ou 14... Bb7 15. Tb1 e 15... Ca6 dá jogo confuso) Dxc6 15. Dxb4 Tb8! 16. Df4 (se 16. Dxb8, Bb7) Bb7 17. Cf3 Ce6! 18. De3 Bd4! 19. Dh6 Ba8! 20. Tb1 Txb1 21. Cxb1 De4! 22. Cc3 Bxc3 23. bxc3 Dxe2 24. Cd2 Td8 25. De3 Txd2!! 26. Bxd2 Cg5! 27. Dxe2 Ch3+++. Um belo exemplo de ataque sobre o roque enfraquecido pela ausência do Bg2.

No mundo moderno a informação corre célere e, no xadrez, uma partida jogada num torneio é logo retomada noutra, procurando cada jogador melhorar esta ou aquela ideia com o seu contributo pessoal.



Victor Silva

Não é pois de estranhar que Mihaljtchichine, jogando contra Tchekov em Alma-Ata (1977), tenha preferido 12. De4! b4 (12... f5 13. Db1 b4 14. Ca4 Bxa1 15. Dxa1 0-0 16. Ce5! com vantagem) 13. Cg5 Bb7 (13... bxc3 14. Dxc6 cxd2 15. Bxd2 Bxa1 16. Txa1 Tb8 17. Bf4 com vantagem decisiva) 14. Tb1 h6 15. Txb4!! Cxb4 16. Dxb7 hxg5 17. Dxb4 Tc8 18. c6 com vantagem (análise de Mihaljtchachine).

10... e6

Forçado: 10... Ce5 11. Df4 ou 10... e5 11. Dxf7+. Lembremos que, nas partidas citadas, as negras rocam contra Cg5, enquanto que agora devem enfraquecer perigosamente a sua estrutura de peões e a dama e o rei terão permanentemente sobre a cabeça uma ameaça de duplo em f6.

11. b4 Bb7

Obviamente, não são possíveis nem 11... Cxb4 nem 11... cxb4; 11... Ba6 12. b5 Ca5 (12... Ce5 13. Df4) 13. Df4 Bb7 14. Bxb7 Cxb7; 15. Df6 (ou 15. De5) não é atractivo; 11... Bg7 não oferece os mesmos recursos defensivos da partida Uhlmann-Liebert: 12. bxc5 b5 (12... Ba6 13. Df4) ameaçando 14. Dxf7, 14. Bxc6 e 14. cxb6) 13. Db3 b4 14. Da4 com vantagem, ou, mais interessante e arriscado, 13. Cxb5! Bxa1 14. Cd6+ seguido de 15. Cgxf7 com forte ataque.

12. bxc5 Bxc5

Se 12... bxc5, 13. Tb1, se 12... Ba6, 13. Df4 e, ainda, se 12... Ca5, 13. Df4 Bxg2 14. Rxg2 Bxc5 15. Cge4 (15. Cce4? Cd5!) Be7 16. Cf6+ Bxf6 17. Dxf6 0-0 18. Ce4, ameaçando 19. Bb2.

13. Cce4!

Seria inferior 13. Cge4 devido a 13... Be7 e nem 14. Ba3 Ca5, nem 14. Cb5 Cxb5 15. Dxb5 0-0 16. Bb2 f6, conseguindo o objectivo.

13... Bd4

Depois de 13... Be7 14. Bb2 0-0 15. Cf6+ Bxf6 16. Bxf6 Cd5 17. Cxh7! ou 14... Ba6 15. Dxc6 Dxc6 16. Cf6+ as

negras estão perdidas, mas 13... Dd4 parece salvar tudo. Porém, simplesmente com 14. Dxd4 estão perante um dilema sem solução:

a) 14... Bxd4 15. Cd6+ Rd7 16. Ba3 Bxa1 17. Txa1 Txb8 18. Cgxf7 Thg8 19. Bxc6+ Rxc6 20. Ce5+ Rd5 21. f4 com ataque de mate.

b) 14... Cxd4 15. Bb2 Cxe2+ (15... Re7 16. e3) 16. Rh1 Cd4 17. Cd6+ (17. Cf6+ Re7) Bxd6 18. Bxb7 Bc5 19. Bxa8 Cxa8 20. Cf3! ganhando.

14. Ba3! b5

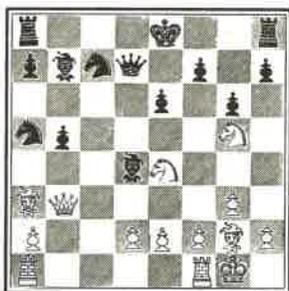
Se 14... Bxa1, 15. Cd6+ ou até, talvez, 15. Txa1; a 14... 0-0-0 segue 15. Cd6+ Rb8 16. Cxb7 Rxb7 17. Tac1 Cd5 18. Cxf7; se 14... Ba6 15. Dxc6! e, por fim, contra 14... Be5 há uma vasta escolha entre 15. Tac1, 15. Cf3, 15. f4 e 15. d4.

15. Db3

Superior a 15. Dc2.

15... Ca5

Não servia 15... Be5, por 16. Cc5 Dxd2 17. Tad1 Dxc5 18. Cxb7 Cd4 19. Txd4 Bxd4 20. Bc6++ (ou 16... Dc8 17. Cxb7 Dxb7 18. Tac1) nem 15... 0-0-0 16. Cd6+ Rb8 17. Cxb7 Rxb7 18. Tac1. Também 15... b4 16. Bxb4 Cxb4 17. Dxb4 Bxe4 (forçado) 18. Bxe4 Bxa1 (18... Tc8 19. Tc1) 19. Bxa8 não salva as negras: os bispos de cor contrária só facilitam o ataque.



16. Cd6+!

16. Dd3 ganha a qualidade pelo menos, mas a jogada do texto, um pouco mais complicada, liquida o assunto.

16... Dxd6 17. Bxd6 Cxb3 18. Bxb7 Cxa1

Se 16... Bxa1 as negras perdem tudo: 17. Bc6+! Rd8 18. Cxf7+ Rc8 19. axb3, etc.

19. Bc6+! Rd8 20. Cxf7+ Rc8 21. Cxh8

Pelos vistos, das quatro só a Th1 escapou de ser tomada na origem, por ter rocado a tempo!

21... Bxh8

As negras também não iam longe com 21... Tb8.

22. Bxc7

Abandonaram, porque depois de 22... Rxc7 23. Bxa8 têm qualidade a menos e vão perder o cavalo com a manobra Be4, e3, d4, Txa1; se 23... b4 (ameaçando sacar o cavalo com 24... b3) então 24. Tb1.

1:0

(comentários de V. SILVA)

UMA NOVA COLEÇÃO

e o seu primeiro volume



MICHEL DROUILLY

APRENDO A JOGAR XADREZ

com a colaboração da Federação Francesa de Xadrez

ESTE LIVRO DESTINA-SE AOS JOVENS (DE TODAS AS IDADES...) QUE DESEJAM INICIAR-SE NO CONHECIMENTO DO XADREZ.

NADA DE RECEITAS MILAGROSAS!

NADA DE GOLPES SECRETOS!

MAS UMA BOA E AGRADÁVEL EDUCAÇÃO DO RACIOCÍNIO.

Próximos volumes:

JÁ JOGO XADREZ
Jim Pichot

JOGO MELHOR XADREZ
Francis Meinsohn

Volumes ilustrados a cores

uma realização da
EDITORIAL NOTÍCIAS
Rua Rodrigues Faria, 103 — Lisboa
Telef. 63 30 21

PARA RESOLVER

Combinações

28
TCHIGORIN - N. N.
1890



Jogam as brancas e ganham

29
GURGENIDZE - NIKOLAEVSKI
URSS 1977



Jogam as brancas e ganham

30
REGGIO - MIESES
Montecarlo 1902



Jogam as pretas e ganham

COMBINAÇÕES

25 (Neumann-Pinsker, Corresp. 1969-70) 1. Cg6+! Bxg6 (1... hxg6 2. hxg6+ Rg8. 3. Th8+) 2. hxg6 Cf6 (2. ...h6 3. Dh5 e 4. Bxh6). 3. Txx7+! Rh8 4. Tgh3 Cxh7 5. Dh5 1-0

26 (Capablanca-Yates, Nova Iorque 1924) 1. Cc3! Tc5 (1. ... Cxc3 2. Txd7+) 2. Ce4 Tb5 3. Ced6 Tc5 4. Cb7 Tc7 5. Cbx5 e as brancas ganham o final.

27 (Larsen - Spasski, URSS - Resto do Mundo, Belgrado 1970) 1... h4!! 2. hxg4 hxg3 3. Tg1 Th1!! 4. Txx1 g2 5. Tf1 (5. Tg1 Dh4+6. Rd1 Dh1) Dh4+ 6. Rd1 gxf1D+ 0-1 (7. Bxf1 Bxg4, seguido de mate).

ESTUDOS E FINAIS

25 (V. Tacue P. Joita) 1. Rh7 Rh5 2. f3 f5 3. f4 Cg4 4. g8C e 5. Cf6++

26 (W. Keym) 1. Cxd3 Rxd3 2. 0-0-0+ Rc3 3. Td3+ Rxd3 4. Rxb2 Rd4 5. Ra3 Rc5 6. Ra4 Rb6 7. Rb4 e ganha.

27. (V. Neidze) 1. Re2 d1D+ 2. Rxd1 exf2 2. Re2 Txxg8 4. hxg8B fxg1C+ 5. Re3 Cxh3 6. Be6 Cg5 7. Bg4++.

PROBLEMAS

25 (F. Fleck) 1. Cc3, ameaça 2. Dc7/Dd4/Bc7/Bd4++; Fleck primário. 1... Bd5 2. Dc7++;

1... Bf3 2. Dd4++; 1... Bf5 Bd4++; 1... c5 2. Bc7++

26 (J. M. Rice) 1. Db5, bloqueio. 1... Cb4 2. De5/Cxf6/Cf2/Te1/Df5++; Fleck secundário, 5 mates.

1... Ce7, 2 mates 1/4; 1... Cf4, 2 mates 1/3; 1... Ce3, 2 mates 1/2; 1... Cxc3, 2 mates.

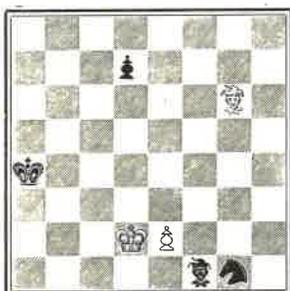
De5++ Eliminação progressiva dos mates. Jogo não temático: 1... Cf6 2. Dxd5++; 1... d2 2. Db1 ++

27 (F. G. Mariz) 1. Dc7, ameaça 2. De5. 1... d6 2. Dxxg7; 1... d5 2. Dg3; 1... D ~ 2. Ca3+

A habitual secção de temas tácticos teve, por insuperáveis razões de espaço, de ficar para o próximo mês. Luís Santos completa a sua série de artigos sobre o ataque ao roque. Uma página a não perder!

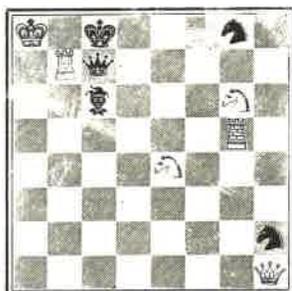
Estudos e Finais

28
KASPARIAN
«Itália Scacchistica» 1963
1.º prémio



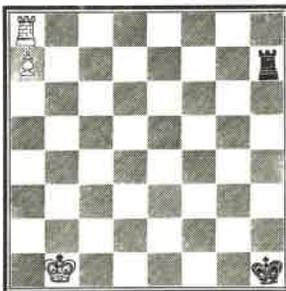
As brancas ganham

29
C. KALUSCHINER
«Schach-Echo» 1971



As brancas ganham

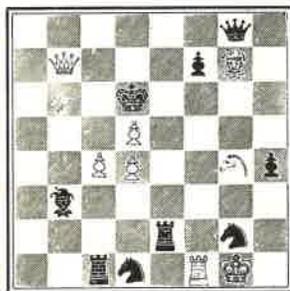
30
J. GUSNT
«Suomen Sosialidemokratian»
1946 — 1.º prémio



As brancas empatam

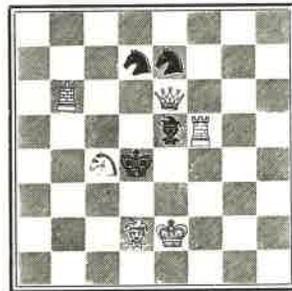
Problemas

28
W. FERREAU
«Dortm. Gen. Anz.» - 1932



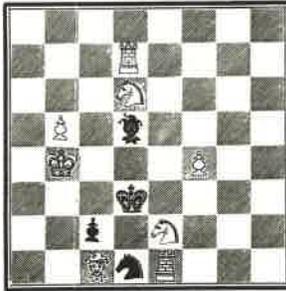
2++

29
G. W. JENSCH
(dedicado a H. Albrecht)
«Dieschwalbe» 1954
1.º prémio



2++

30
K. HANNEMANN
«Magasinet» 1933
1.º prémio



3++



MATERIAL DIDÁCTICO
DO PRÉ-PRIMÁRIO AO UNIVERSITÁRIO

JOVEM — nos teus tempos livres PRÁTICA XADREZ

TEMOS AO TEU DISPOR:

Jogos em madeira — Tabuleiros — Conjuntos com peças e tabuleiro
Jogos magnéticos e perfurados — RELÓGIOS DE XADREZ

E DISPOMOS AINDA DE:

Filmes 16 e 8 mm — Diapositivos — Astromodelismo etc.

PEDIDOS A: NUCLEON — EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.
Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. 57-A — Telef. 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA - 1



O jogo anti-dual

Duais e mates-múltiplos pertencem, evidentemente, à mesma família.

Quando, num dois-lances, há duas possibilidades de dar mate, na mesma variante ou, nos três — e mais — lances há duas continuações que ao mate anunciado conduzam, aparece o dual que, a concretizar-se, reduz o valor do problema.

O critério geralmente seguido é o de que podem ignorar-se duais que ocorram em variantes secundárias, mas que não podem permitir-se nas variantes principais (as que defendem a ameaça feita pela chave) nem nos ensaios temáticos; os autores sempre põem de parte esquemas que apresentem este defeito. Nos bloqueios não se admitem duais, já que não existe ameaça, sendo todas as variantes principais (salvo os casos de bloqueio-ameaça — ver RPX de Maio/77, pág. 31).

Mas também os duais são aproveitados artisticamente no sentido, como sempre, da sua eliminação, aparecendo assim o «jogo anti-dual» ou sejam os problemas de dual-evitado que deram origem a vários temas mais artísticos e mais numerosos do que os do complexo Fleck, o dos mates-múltiplos.

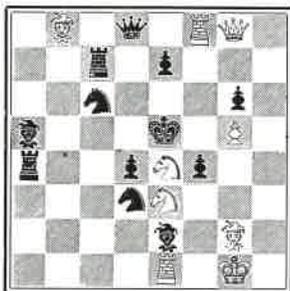
O dual-evitado vive principalmente dos efeitos de abertura de linha, pregagens e auto-obstruções.

I

H. FRÖBERG

«Schackvärlden» 1938

3.º Prémio



2++

No problema I a chave 1 C d6 ameaça 2 D d5++.

Uma intercepção da Ta4 permitiria dois mates: Cd6-c4 e Ce3-c4.

Mas as defesas pretas que interceptam a Ta4 são ?... Cc6-b4 (e pensa defender-se abrindo uma linha sobre c4 à Tc7. Mas 2 Cd6-c4++ (e não 2 Ce3-c4). 1... Cd3-b4 (intercepta Ta4 mas abre linha s/ c4 ao Be2). c2 Ce3-c4++ (e não 2 Dd6-c4).

É o tema «Fröberg»: na defesa as pretas interceptam uma sua peça mas abrem uma

linha a outra, como compensação; no mate esta segunda peça é pregada pelas brancas em duas variantes de dual-evitado.

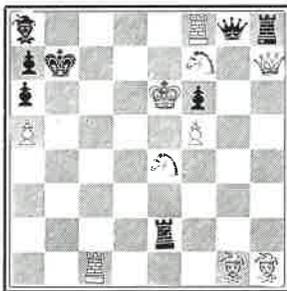
No tema «JAVA» os efeitos anti-dual obtêm-se porque as negras se interpõem na linha duma peça branca e estas para dar mate não podem interceptar outra sua peça.

II

M. I. ASABACHEV

«La Settimana Enigmistica» 1935

3.º Prémio



2++

Prob. II 1 B h2 ameaça 2 T c7++.

1... T c2 2 C c5 ++ (não 2 Ce-d6)

1... D g3 2 Cf-d6++ (não 2 C-d8)

1... Txf2 2 Ce-d6++

1... Dxf8 2 C d8++

No prob. III exploram-se os efeitos de auto-obstrução em 4 variantes ligadas duas a duas por anti-dual.

Convém agora travar conhecimento com uma hipotética «peça» a que os ingleses chamam «dummy». Não tem movimento, não pode tomar nem dar xeque; existe apenas imaginariamente para interceptar uma linha ou obstruir uma casa ou inclusivamente ser tomada.

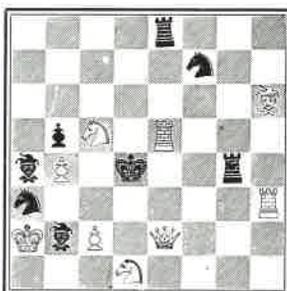
Chamam-lhe os problemistas espanhóis «peón tonto».

III

R. C. NASCIMENTO

«British Chess Federation Ty» 1947/48

Seleccionado



2++

Adoptando semelhante pitoresca designação, chamar-lhe-ei «peão bronco».

No prob. III 1 c2-c4 ameaça 2 T d5++.

Um «peão bronco» em c4 permitiria dois mates: D e3 e T d3 (dual)

Mas 1... b5xc4 2 D e3++ (só) e 1...

Mas 1... b5 xc4 2 D e3++ (só) e 1... Cxc4 2 T d3 ++ (só)

Igualmente um «peão bronco» em e5 daria 2 D d3 e B e3 (dual)

Mas 1... Txe5 2 D d3 (só), e 1... Cxe5 2 B e3++ (só)

O jogo acessório arredonda a obra 1... B b3+ 2 Cxb3++;

1... T d8 2 C e6++;

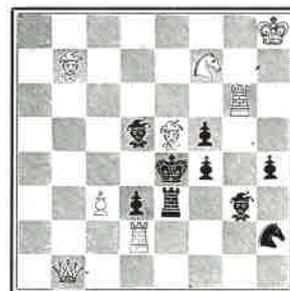
1... T a5 2 D e4++.

IV

O. STOCCHI

«Problemisten» 1948

1.º Psémio



2++

O tema «Stocchi» prob. IV, exige: 3 auto-obstruções numa casa de fuga, ligadas por anti-dual.

Depois da chave 1 B b7, (am. 2 Cb4++), um «peão branco» em c3, casa de fuga, traria 3 ! novos mates: 2 T d6 / C e6 / Dg4.

Mas 1... T c3 2 T d6++; 1... C c3 2 C e6++; 1... c4-c3 2 D g4++, eliminando mates «pluralistas».

Aqui, como o leitor vê, é já o «dual-evitado». *Trial* é palavra francesa modernamente, segundo creio, só empregada na terminologia do problema.

Nós também a usamos e aconselhamos porque, além de ser cómoda, tem clareza e precisão e analogia com dual, esta sim palavra portuguesa.

Até entre problemistas a analisarem os seus trabalhos já se tem ouvido: «Nesta variante há o «quadrial» (?!) evitado...»

E não nos chamem bábados da língua. Piores são os *mólhos* (como plural de *mólho*) de alguns nossos benquistos locutores e os *acórdos* que se ouvem a alto nível ministerial e político.

«*Trial*» ? «*Peão bronco*» ? «*Quadrial*» ?

São designações úteis à nossa gíria e só usados em particular.

Não lhes damos publicidade na Rádio e TV...

RUI NASCIMENTO

O XADREZ E A FILATELIA



Carimbo do cinquentenário da FPX

Dentre as várias realizações levadas a efeito pela F. P. X., para comemorar o seu cinquentenário, a que se relaciona com a Filatelia é, também, uma das de maior importância.

Como se sabe, a Filatelia, além de ser uma diversão ou um dos meios educativos de grande relevo, constitui uma actividade que pode preencher com vantagem os tempos livres da juventude.

Não devemos perder de vista, por outro lado, que a Filatelia é um dos investimentos financeiros de maior garantia, pois de ano para ano os selos ou qualquer outra modalidade filatélica se valorizam normalmente.



Selo cubano com o antigo campeão do mundo Capablanca

Sabemos que há muitos jovens que gostariam iniciar-se na prática da Filatelia, mas não sabem como fazê-lo ou por onde devem começar. Para estes vão hoje estas breves linhas, indicando as modalidades praticáveis.

Em princípios, tudo que é emitido pelos serviços postais, tem valor e pode ser colecionável, mas devido à sua grande variedade, o coleccionador menos abonado terá que limitar a sua escolha, senão dispenderá enormes somas.

Vejamos, pois, algumas dessas modalidades:

1 — **Selos** — O coleccionador poderá optar só por selos portugueses, novos ou usados, ou por estrangeiros, ou pelas duas variedades. Tudo é função do capital disponível (Chama-se selo usado o que já foi carimbado).

2 — **Envelope do 1.º Dia** — Os de maior valor são os emitidos pelos CTT, com selos do próprio dia e obliterados.

3 — **Bloco Filatélico** (ou simplesmente Bloco) — São pequenas folhas onde estão impressos todos os selos de uma emissão, um de cada franquia.

4 — **Inteiro Postal** — É um Postal emitido pelos CTT, com o selo correspondente impresso no canto superior direito (franquia actual de 3\$00), mas não obliterado. Na parte esquerda leva um desenho ou foto alusiva à emissão, e o preço.

5 — **Carta Inteira** — Também editada pelos CTT, o envelope tem igualmente o selo impresso (franquia 4\$00), não obliterado, e no lado esquerdo uma figura alusiva ao facto, e também o custo.

6 — **Carimbos do 1.º Dia** — É um carimbo postal cujo desenho é um motivo da emissão dos selos, servindo para obliteração destes. Em Portugal as obliterações do 1.º Dia efectuam-se em Lisboa, Porto, Coimbra, Funchal e Ponta Delgada.

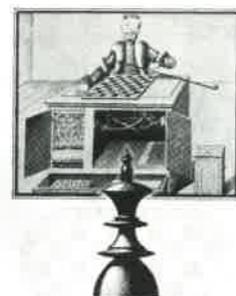
7 — **Marcofilia** (carimbos comemorativos) São vulgares estes carimbos que comemoram qualquer acontecimento, sendo apostos no respectivo dia da celebração, e na localidade (ou localidades) escolhida.

8 — **Maximofilia** — Ou Postal-Máximo, é um postal ilustrado reproduzindo o próprio desenho do selo, sobre o qual se coloca o selo que é obliterado com o carimbo do 1.º Dia.

9 — **Colecção Temática** — Colecção deste tipo dizem respeito apenas a um assunto: aves, pintores (por escolas, nações, etc.), desportos (geral ou só futebol, xadrez, pa-

tinagem, etc.). É sem dúvida a modalidade mais aliciante e didáctica, pois o seu conjunto constitui uma verdadeira enciclopédia.

Evidentemente que a R. P. X. é uma publicação de Xadrez e não de Filatelia. Mas não serão despropositados estes comentários se atendermos ao facto de que o Xadrez tem dado à filatelia motivos de extraordinária beleza e interesse.



2 MAGYAR POSTA

Selo húngaro reproduzindo o célebre automato

Por isso a Temática de Xadrez é apaixonante, não só pelo seu valor histórico e pedagógico, como pelo seu interesse desportivo, sendo muito procurado no mercado internacional.

Os nossos leitores, especialmente os mais jovens, poderão aproveitar a oportunidade para iniciarem a sua actividade filatélica, com o carimbo comemorativo do 50.º Aniversário da F. P. X. Além deste têm por outro lado os Postais Temáticos sobre o Xadrez, em que um deles tem um selo obliterado com esse carimbo.

E porque não ir mais longe iniciando-se na Temática de Xadrez, com os selos emitidos em vários países?

Não esquecer que coleccionar selos ou qualquer outro motivo filatélico, não é desperdiçar dinheiro é, pelo contrário, valorizá-lo.

ARMANDO ARAGÃO



“El Rey es un pordiosero, ahora el juego está hecho”

(Todo lo Bueno Termina Bien)



Um belo bloco, reproduzindo um selo com Fischer e Spassky, e noutro Shakespeare jogando xadrez com Ben Jonson